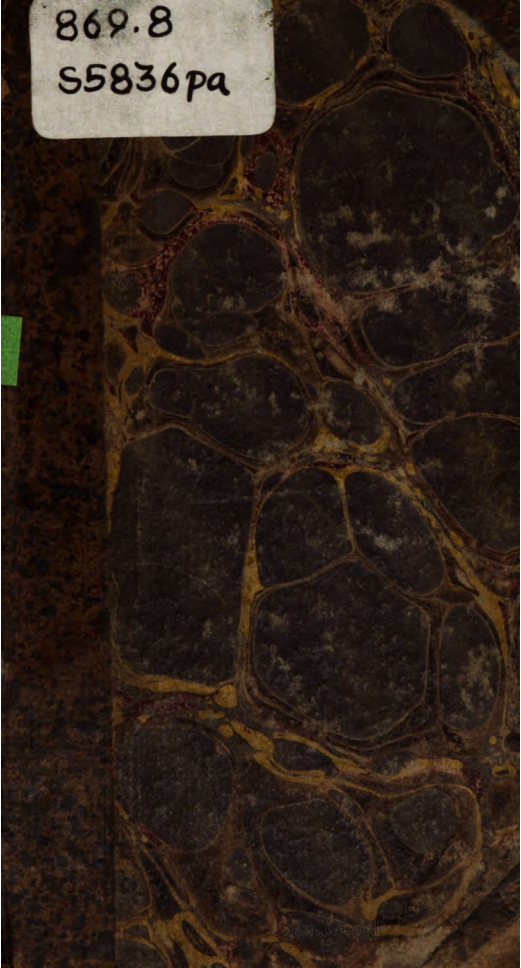


869.8

S5836pa





LIVRARIA ACADÊMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO-PORTUGAL-TELEF. 25988



A

467088

DUPL

2500

2000

2500

2500

5 / 7700 11540
2 3 12000

200.

O PASSEIO. POEMA DESCRIPTIVO

DE
JOSE' MARIA DA COSTA E SILVA,
TRADUCTOR DA ILIADA.

*Asia Pieridum peragro loca natus ante
Trita solo, juvat integros occedere fontes.
Atque haurire, juvat que novos decerpere
flores*

*Insignemque meo capiti petere inde coronam
Unde nulli prius velarint tempora Musae.*

Lucret. de Rer. Nat. Liv. I.

LISBOA :

NA OFFICINA DE J. F. M. DE CAMPOS.

ANNO DE 1816.

*Com licença da Meza do Desembargo
do Paço.*

Vende-se na loja de Desiderio Marques
Leão ao largo do Calhariz, N.º 12.

1872
1873
1874
1875
1876

1877
1878
1879
1880
1881

1882
1883
1884
1885
1886

1887
1888
1889
1890
1891

1892

200.

AÇÃO.

planta nob
eregrino no
algunos e
sino que le
arla, y en
de joyas, o
y elegancia
que le suced

al Suares d
nel Passague.

. cedendo a
gos, cujo p
ence a hum
te desconhec

A 2

869.8

55836pa

Oh! quanto he doce
Hir passeando
N'hum prado em flores
Luxuriando !...

Aonde Zephyro ;
Brincando , exhala
Aura jucunda ,
Que em torno cala !..

Olhar de Bacho
As plantas bellas ,
Hir acolher-se
A' sombra dellas !..

Tenra Donzella
Nos braços tendo
Que toda Venus
Está vertendo !....

Anacreonte Ode 57.

PREFACÃO.

*Mas el que fuere planta nobile , ave
real , ingenio peregrino non solo de-
ve illustrar con algunos escritos el
habla natural , sino que le toca con
todo rigor llernarla , y enriquecerla
incessablemente de joyas , ornamen-
tos , policias , y elegancias , osan-
do abrir a los que le sucedieren los
caminos difficiles*

D. Christoval Suares de Fi-
gueirôa nel Passaguero.

O Poema , que , cedendo a instan-
cias de alguns amigos , cuso presentar
ao Público , pertence a hum genero
quasi absolutamente desconhecido em

A 2

Portugal. Inda que habitantes de hum dos mais pictorescos, e ferreis paizes da Europa, raras vezes seus Poetas empregarão os olhos do contemplador nas vistosas campinas da sua Pátria, onde a Natureza largamente derramava toda a sua opulencia, e que a serie não interrompida dos seculos tinha enriquecido com os preciosos restos dos Carthaginezes, dos Romanos, dos Arabes, e de outras mil Nações, de modo que impossivel se tornava dar hum passo sem tropeçar n'hum monumento.

Nem eu ousarei censuralos! no feliz seculo de quinhentos, ainda a verdadeira Philosophia apenas tinha começado a raiar. Além disso como olharião para as delicias da vida campestre Homens nascidos no meio de hum Povo, cuja paixão dominante era a gloria das

armas? A flauta de Theócrito seria escutada com prazer, por quem trazia os ouvidos affeitos aos clarins, e aos tambores? A magestosa tuba de Homero, e a arrojada lyra de Pindaro he que podião ter encantos para os Guerreiros, que hião por mares nunca d'antes navegados colher as palmas do Ganges, e apavorar o Catai. Camões, Ferreira, e Bernardes souberão fallar dignamente dos Heroes Portuguezes: mas basta lançar os olhos ás suas Pastoraes, e ainda mesmo ás de Fernão Alvares do Oriente, para conhecermos, que elles nos fallão de objectos, que lhes erão desconhecidos; e se não existissem as Poesias de Buscan, e Sannazaro seria impossivel descobrir em toda a extensão do Universo os originaes dos seus quadros campestres.

Sepultado o esplendor, a ventu-

ra, a independência de Portugal nos
aíres da África, pela tão certa, quão
lastimosa morte do miserando Rei D.
Sebastião, o Sceptro de ferro, que nos
opprimio em sessenta annos de domi-
nação estrangeira, não abriu menores
brechas na Litteratura, que no syste-
ma politico do Reino.

Os Hespanhoes nos estragárão o
gosto com o contagiôso exemplo de suas
composições. Perdeo-se aquellá mages-
tosa simplicidade, que tinhamos apren-
dido dos Gregos, e Romanos. As Ora-
ções, ou Sagradas, ou Académicas, se
transformárão n'hum tecido ridiculo de
jogos de palavras, de allusões forçadas,
sem estilo, sem doutrina, e sem cul-
tura. A Poesia passou a ser hum *jár-
gon* de conceitos alambicados, de ex-
cessivas hyperboles, frias antitheses,
pensamentos falsos; tudo isto envolvi-

dô em versos estrondosos, e arripiados de vozes, e frases Castelhanas, que dizão tão bem na lingua Portugueza, como humas poucas de nódoas em hum manto de purpura.

Com a faustissima elevação do Duque de Bragança o Serenissimo Senhor D. João IV. ao Throno Portuguez, a necessidade de sustentar com as armas a independencia de hum Imperio, que só a ellas devia a sua fundação, e engrandecimento, não deixou tempo para cuidar-se de restabelecer as Lettras: os mesmos embaraços subsistirão nos seguintes Reinados, sempre fluctuantes entre as revoluções domesticas, e as violencias externas. Não deixou com tudo de ser proveitoso este abandono total das applicações scientificas, pois, se não propagou as luzes, ao menos não acabou de preverter os engenhos, avan-

quando os progressos do máo gosto,

Tal era a época, em que tomou, as redeas do Governo o Magnanimo Senhor D. João V. deste nome, que, em Portugal, parece designado pela Providencia a servir de scello ou á restauração das Lettras, ou á redempção da Patria. A liberalidade, e ainda mais o affago, e benevolencia (os mais poderosos meios de se fazer obedido) com que aquelle Monarcha acolhia os Eruditos, não desdenhando alumnizar-se nas Arcadias, e Academias dos seus Reinos, e dos Paizes Estrangeiros, fez nascer a Aurora precursora dos brilhantes dias do Senhor D. José I., em que a Philosophia, e as Artes, que em todo o seu esplendor illuminavão o Norte, e o Meio-Dia da Europa, despedirão tão fortes revérberos sobre Portugal, que o Genio, e o

Gosto surgindo do lethargo estúpido que lo sepultava, puderão anihilar o Pedantismo, e submergillo debaixo das ruínas do carunchoso altar, onde até alli tinha soberbamente recebido os incensos, e as zumbaias dos Mévios, e dos Mávios.

Hum Ministro infatigavel, e inexaurivel em seus recursos, que a tudo attendia, e que bastava a tudo; ao mesmo tempo que reedificava a Capital arruinada, que fazia reviver a franqueza do Commercio, a ordem, a economia politica, e todas as mais ramificações da administração pública, não se esqueceo de alhânar os caminhos para a Instrucção Nacional. Reformou-se o Plano dos Estudos, restituindo á Universidade de Coimbra aquelle antigo esplendor, que lhe tinha usurpado o monopolio scientifico dos Jesuitas. Culti-

várão-se as Sciencias exactas , a Phisica , a Botanica , a Chymica , a Historia Natural ; aperfeiçoou-se a Medicina ; polio-se a Lingua , levando-a a hum gráo de precisão , e elegancia , que até alli não tinha : a Nação se tornou affavel , e communicativa , perdendo aquelle character frágil , que tinha contrahido nas continuadas guerras. Os Estrangeiros , que trazião algumas invenções , ou conhecimentos uteis , forão benignamente acolhidos ; desenvolveu-se o Genio Nacional , e tornámos a figurar na Europa.

Foi Garção o primeiro , que ousou emprehender a Reforma da Poesia Portugueza. Este Homem , dotado de hum engenho vivo , e penetrante , de hum tacto fino , e imaginação fecunda , bebeo em Horacio o gosto da verdadeira Poesia Lyrica , e o tomou por

modélo; sua doutrina, e ainda mais o exemplo das suas bellas Odes, em que apparecia toda a flexibilidade da Lyra de Venusia, puderão mais que toda a influencia do enigmatico Gongora, e do refinado Marini. Abrirão os seus contemporaneos os olhos: nasceo a critica; conheceo-se todo o absurdo do estilo em voga, e o quanto o chistoso desalinho dos Gregos, e a severa magestade dos Romanos era preferivel ao grosseiro vermelhão, e ridiculos rebiques, com que os Hespanhoes desfiguravão as attractivas, e singelas graças da Natureza.

Sua glória despertou a emulação de Genios maiores. Pindaro, e Anacreonte apparecêrão unidos em Antonio Diniz da Cruz. Com maior estro, elocução mais rica, e sobre tudo com mais philosophia, Francisco Manoel abran-

geu todos os ramos lyricos, e primou em todos.

O simples, o harmonico, o elegante Quita agourou os mais felizes progressos á Poesia Campestre. O seu Poema de Lycore he hum Poema Nacional, que em quanto durar a Lingua Portugueza fará o prazer dos Poetas, e o enlevo dos entendedores. Os seus famosos Idilios respirão todo o espirito de Gesner; mas infelizmente aquelle Poeta amavel não teve émulos, nem imitadores: os Bucólicos, que se lhe seguirão, ou por falta de gosto, ou temendo a difficuldade, se apartarão do trilho, que elle assignalára.

João Xavier de Mattos apenas merece que se falle delle. Domingos Maximiano Torres he hum copista de Virgilio, a quem servilmente usurpa os planos, e até os pensamentos sem lhe

imitar o estilo, e harmonia. Bocage
he mais perfeito, e arrancaria a palma
ao mesmo Quilta, se todas as tuas Pas-
toraes se assimilhassem á *Saudade Ma-
teirna*: neste Idillio, que elle escreveo
já na borda da sepultura, reina toda a
elegancia, que era propria do Auctor:
os pensamentos são da maior simplici-
dade, e delicadeza; os versos são per-
feitissimos, e descobre-se em todo o
Poema hum toque sentimental, que
enfeitiça; mas os outros não tem igual
merecimento; he diffuso, e cheio
de lugares communs: raras vezes con-
serva o caracter das pessoas, que in-
troduz a fallar, ou as escolhe mal;
ora se eleva ao tom da Epopea, ora
degenera em declamador; e, quando evi-
ta hum ou outro destes escolhos, imi-
ta mais os quinhentistas, que a Na-
tureza. Estes defeitos com tudo não

obstão, a que se encontrem grandes bellezas em Bocage, e o segundo lugar neste genero lhe he de justiça devido.

Taes forão em Portugal os curtos progressos da Poesia Campestre, que os Alemães, e Inglezes amplificarão felizmente, applicando-lhe a Philosophia. Aquellas Nações, de hum caracter severo, e dotadas de hum genio inventor, não tardarão a afrontar-se do escasso circulo, em que os antigos, e os seus supersticiosos imitadores a tinham circumscrivido. Ellas assentarão, e com razão, que este ramo Poético seria mais interessante, se ás monótonas Canções dos Pastores se substituísse a linguagem das Sciencias, e o vasto espectaculo da Natureza. Os seus primeiros ensaios brotarão Obras primas: Cramer, e Tompson cantarão as Estações; Hal-

Ier adornou os Alpes com todas as graças da Poesia ; Thscarner , e Mason fizeram amar os campos , ensinando-nos a cultivalos. O maravilhoso quadro do Universo inspirou Wieland , e Brock ; o gosto da Poesia descriptiva se generalizou. Aparecêrão os Rossets , os Delilles , os Saint-Lamberts , os Marnesias. A Italia os traduzio , e os imitou. E que objecto mais util , mais fecundo , mais sublime , mais proprio para inflammarm o Genio ? Todos os lugares , todos os tempos , todos os seres ; eis o immenso espaço , que se apresenta aos seus vãos. A imaginação , que se apraz do maravilhoso , e a razão , que se paga da verosimilhança , onde poderão achar hum objecto mais capaz (1) de excitar as faculdades bri-

A 4

(1) *Veja Vernei.*

lhantes, que lhe descortinão o vasto campo do Universo, lhe permitem julgar dos fins, dos meios, do encadeamento, e relação das coisas, entrar (digamo-lo assim) em confidencia com o Creador, e tirar pelo que existe, o que ha de existir, ou o que de-
vêra ter existido? Que fim mais digno da Poesia, que estar continuamente chamando os Homens á idéa de hum Deos, que em toda a magestade se manifesta no profuzissimo, variado quadro da Natureza, mais assombroso, mais poético, mais interessante que toda a Mythologia dos Gregos, e todas as Fabulas gigantescas dos Romanceiros?

Nem me digão (como da Tragedia assoalhão Homens, que julgão dos resultados sem examinarem as causas (1)

(1) *Com vergonha o confessa, Nação*

que a Nação tem repugnância a este modo de Poetisar. Tal proposição só

nenhuma tem hum Theatro mais miseravel, que o nosso. Não, como o affirmão os Cômicos, por falta de gosto no Povo; mas, como a verdade, e a experiência o indicão, pela inopia, e irreflexão dos Actores. Se os Litteratos, se a Nobreza, se as Famílias honestas fogem do Theatro, não he por falta de inclinação, mas porque não podem soffrer os monstros d'arte, e os espectáculos Cynicos, que enxevalhão a Scena. Se se representam ridiculos Entremeados, não he carencia de bons Dramas, ou de quem os componha; he porque não se acceita a Comedia de hum escriptor de medecimento, porque o Actor F., que não sabe ler, lha atravessou com hum parto da sua elegante pluma, ou por que o Actor B. lhe preferio outra de hum seu Amigo, que inda que não tem lá muito gosto, ou geito para compor, tem bellas chalaças; re-

póde sahir do estúpido , que desconhece o character , e os usos dos seus com-

parte com elle os lucros , e além disso n'humas tourinhas , que tem a Peça , arranjou-lhe hum a parte de Neto , em que ha-de brilhar. Porque ficou excluida a Tragedia do Poeta F.... He tão boa!... O assumpto he tão interessante!... Mas se elle he cabeçudo!... Não quiz ter a condescendencia de a estragar , introduzindo-lhe a martello hum a relação declamatoria , em que certa Acriz pretendia berrar , e macaquear á sua vontade! Mas porque se não põe em Scena Voltaire , ou Moliere!... Por que são pedantes , que escrevião conforme as regras de Aristoteles , e de Horacio ; e de mais , o Povo não póde soffrer Tragedias , nem Comedias regulares!... Miseraveis ! não calumniéis a Nação beinfafeja , que vos alimenta , e supporta. Hum Povo que eu vi correr a entulhar os vossos Camarotes , e Plateas para chorar com a

patriotas , ou do ouco verzejador , que para escrever recêa ser condemnado ao

Vestal , tremer com Fayette , e extorziar-se com Mahomet ; que prodigou tantas lagrimas , e tanto applauso a Castio , a pezar dos seus defeitos , que levou a indulgencia até a tolerar Saida , não he inimigo da Tragedia. Hum Povo , que se aprazia com a representação de Mathilde , do Condestavel , da Disciplina Militar , da Restauração de Pernambuco , não aborrece as Comedias regulares. E porque forão todas estas Obras pessimamente representadas ! Pela vossa ignorancia , e pela vossa soberba. A primeira faz , que , não conhecendo o Homem moral , nem o Homem civil , transtorneis todo o jogo das paixões , falsifiqueis os caracteres , estropieis os versos , e appareçais ridiculamente vestidos. A segunda faz que sejam irremediaveis estes defeitos , tirando-vos a docilidade de escutar as advertencias dos Auctores , e dos

trabalhò de estudar. O Portuguez he sensivel, e tem imaginação, e os objectos campestres lhe são muito mais familiares, que a outro qualquer Povo. Não fallemos dos Provinciânos, que tirão de ordinario toda a sua opulencia das herdades, que possuem; qual dos Habitantes de Lisboa, já não digo rico, mas possuidor de hum decênte estabelecimento, não passa annualmente no Campo huma das Estações? Quem cooperou mais para a celebridade de Bocage do que a bella a todas as vistas, traducção dos Jardins, e das Plan-

Eruditos, que são os vossos Mestres. Se vos não corrigis, passareis, como até agora na Europa, por hum bando de desprezíveis Histriões, e Arlequins, e não por huma Companhia de Actores; o vosso Theatro por huma escola de máo gosto, e hum máo notua no esplendor da Nação.

tas ? Com que enthusiasmo não viu Santos e Silva acolhido do Público, o seu Cantico á Primavera ? Interessar, mover, e instruir, eis toda a Poética deste genero de Poesia, todo o fim que deve propor-se o Poeta Campestre. Elle interessará se tiver o dom de prender a attenção do Leitor, com a força dos pensamentos, com a novidade e valentia da expressão, com o gosto e escolha dos detalhes, com a viveza de colorido, abundancia das imagens, perfeição de contrastes, prestigio da harmonia métrica, e aquella continuada elegancia, que nasce com o genio. Moverá se, em lugar de seguir o fio de huma methodica enumeração de plantas, flores, arvores, rios, montes, etc. de nos entreter sempre de agricultura, de rebanhos, elle mudar as suas descripções em quadros, engrandecên-

do a Natureza , pintando-a no momento em que he sublime (1): se a adornar , unindo n'hum espaço extenso , mas limitado , toda a sua oppulencia , toda a sua formosura. Moverá , se o Homem for sempre o ponto central , a que se refirão todas as suas descripções , a figura principal dos seus paineis. As arvores fallão pouco (disse engenhosamente la Fontaine) ; mas (deveria acrescentar) os Homens fallão muito com as arvores ! A pintura de hum criminoso detido com remorsos , e correndo desesperado os bosques n'humna formosa manhã de primavera , quando tudo em roda delle parece rir de alegria , e de formosura : humna linda Donzella chorando no voluptuoso silencio de humna noite de estio sobre o tumu-

(1) *Vede Saint-Lambert.*

lo do seu amante , aonde reflecte o pálido clarão da Lua , formão hum contraste soberbo , e maravilhoso , que introduzindo-nos n'alma as sensações de hum tristeza sentimental , nos fará derramar deliciosas lagrimas. Os mesmos effeitos em sentido contrario produo o quadro de dois amigos , que inesperadamente se reconhecem , e se abração no horror das trévas de hum noite tormentosa , ou no ardor de hum batalha. (2)

(1) *Nenhum Poeta , nenhum Pintor possuiu a arte dos contrastes em tamanha gráo de perfeição como esse Milton , tão mordido dos Pedantes , e tão admirado dos Homens de genio ! ... Quem melhor do que elle soube formar a opposição do horror , ou formosura dos lugares , a alegria , ou afflicção das personagens , ou grupar tudo isto sem extravagancia ! Que multidão de*

Instruirá finalmente o Poeta com os detalhes scientificos, derramando no

seus oções não prva o Leitor ouvindo as desesperadas ancias, e freneticos lamentos de Satan no meio das bellezas do Paraizo: Ou se a par os mais ternos colloquios dos nossos primeiros Pais, o Principe das trévas rompe neste vehementissimo monologo:

Sight hateful! Sight tormenting! thus these two

*Imparadist'd in one another's arms
The happier Eden, shall enjoy their fill
Of bliss on bliss; while I to Hel am thrust;
Where neither joy nor other torments not the least;*

Still unfulfill'd with pain of longings pines

*.
. Love while ye may,
Yet happy pair; enjoy, till I return,*

seu Poema a proposito , e sem affectação , sentimentos de moral , idéas que illuminem os Homens , maximas de virtudes , principios de economia , e mais que tudo com os episodios historicos unidos destramente ao todo ; com o elogio dos Heroes da sua Nação , dos Inventores , ou dos que amplificarão os Sciencias , e Artes ; e chamando sempre a attenção do Leitor á idéa sublime da existencia de hum Deos benéfico , que formou o Mundo , e de quem pende a sua conservação.

Com estes principios em vista escrevi , e acabei o meu Poema , cuja composição foi mil vezes interpolada , como observará facilmente quem co-

B

Short pleasures, for long woes are to succeed.

Milt. Par. Lost. Book . 4. v. 505.

tejar as epochas, a que se referem varios acontecimentos, que nelle toco,

Eu o divulgo, menos com o intuito de adquirir os créditos de Poeta, do que com o desejo de despertar a emulação de alguns Génios de primeira ordem, que entre nós felizmente conheço, a empregar os talentos de que a Natureza os dotou liberal, em cultivar hum genero de Poema, em que tanto se nos avantajão outras Nações, a quem não cedemos em genio, em erudição, nem em valor. O complemento deste desejo me ufanará mais, que todos os louvores, para que olho com tanta indifferença como para as criticas, e invectivas dos Elmiros. (1)

(1) *En travaillant à meriter ma propre estime j'ai appris à me passer de celle des autres, qui pour la plupart se passent bien de la mienne.*

Rosseau,

DEDICATORIA

AOS

AMIGOS.

*C'est à vous, mes Amis, que j'offre
cet ouvrage :*

*D'un coeur, qui vous chérit c'est un léger
hommage ;*

Vous y verrez du sérieux

Entre-mêlé du badinage,

Des traits un peu facétieux

Dont la moral au moins est sage.

Le Roy de Prusse.

B *

AO SENHOR JOSE' MARIA DA
COSTA E SILVA.

EPISTOLA.

A Morosas do sempre verde louro ;
Que no formoso Portuguez terreno
Frondoso cresce , e de servir soberbo ;
Amorosas do Canto , que revive
Nos divinaes concertos numerosos
Do Vate egregio , que poz medo ao Tas-
so , (1)

Vate, por quem sobeja ao Tibre o Téjo,
Por quem da infausta Ignez o pranto af-
flicto

Mais triste as almas de ternura ensopa ,
E por quem , sobre o Cabo tormentoso,
Ind'agora parece que troveja

(1) Camões.

O medonho Gigante horrendos fados !
As Musas amorosas se glorião
De ouvir nos Hymnos do seu novo Alumno
Accordados os sons de accento eterno ,
Com que Alfeno , (1) Garção, (2) e os
dous Elpinos , (3)
Phylinto , (4) mais que todos arrojado
E o mais que todos sonoro Elmano, (5)
Imprimirão nas folhas da Memoria
Seus Nomes, que immortaes o Imperio
abrangem
Da lauri-cincta litteraria Fama.
Salve , novo Phylinto , cujo metro

(1) *Dominges Maximiano Torres.*

(2) *Pedro Antonio Correa Garção.*

(3) *Os Desembargadores Antonio Diniz da Cruz e Silva , Elpino Nenacriense ; e Antonio Ribeiro dos Santos , Elpino Duriense.*

(4) *O P. Francisco Mancel do Nascimento.*

(5) *Manoel Maria de Barboza da Boccage.*

Não dèsmerece este inclyto Anagrama ,
Com que Lysia'vaídosa hombrea, e cresce
De Pindaro, e de Horacio aos grandes Nomes..

Entre as duas estradas luminosas ,
Por ondè o Grego Lyrico , e o Latino
Rapidamente para os Ceos subirão ,
Selva enredada de espinhoso empeco
Oppunha aos Genios , por barreira, o
susto.

Lucido Cysne de Permessia pluma
Co' as alvas guias lhe roçou Phylinto ,
E logo, onde era de tojaes, e abrolhos,
A nova estrada se cobrio de rosas ;
Desenvolto depois batendo as azas
Tão alto remontou que inda atégora
Ninguem se jacta de attingir-lhe os vôos!..

Tu, apoz d'elle, demandando os Astros,
Discipulo honrador de hum grande Mestre ,

De Apollineas Canções cr'oado sobes

Lá onde poucos , com Apollo , brilhão.

Mas , dos montes da Lyrica harmonia,
Descendo ás Didascalicas florestas ,
Co' a formosa Lieutard, e Amor com ella,
Revendo, e contemplando a Natureza ;
Imitador de Saint-Lambert, e Tompson,
Co' a amenidade de hũ, e o siso de outro,
Em que pulchra dicção, acceita ás Graças,
Devolves Phylosophicos mysterios
Deleitoso Passeio historiando! . . .

O Pindo Portuguez, téqui mingoadô
Em Didatico esmalte , ora veceja,
E promette vingar , por Ti dispostas ,
Novas em seu terreno abrindo Flores.

Nuno Alvares Pereira Pato Moniz.

AD AUCTOREM

POEMATIS NOVI.

EPIGRAMA.

SUpra Hominum , Mundique vias, su-
pra omnia surgit

Nunc opus eximium, semina lucis ha-
bens.

Crede mihi ; novâ lux oritur , nova pom-
pa diebus :

Namque Poema nivum surgit ad Astra
tuum.

Stemmata quisquis amat, Postes, La-
quearia, Mensas,

Omnia pro telis explicat Ambitio :

Magnus ut exiliens Macedo pervenit ad
Indos ,

Sanguine jam, lacrymas, deficiente
dedit.

Ex aliis alios suspirans Orbibus Orbes

Virtuti metas meruit esse breves.

Libertas pretiosa nimis , si dicere fas est,

Permanet in Campo, sic docet illa suis.

**Vertere velle solum te suspicor , omnia
queris ,**

Quaeris opes tecum semper habere tuas:

**Quam bene diva tua facundia sedet in
ore ,**

**Te , Joseph , celebrent agmina cuncta
virum !**

José Coelho de Lemos Canebat.

O PASSEIO.

POEMA.

CANTO PRIMEIRO.

*Besside some water's rusly brink
 With me the Muse shall sit, and tinkle
 (At ease reclin'd in rustick state)
 How vain the ardour of the crowd;
 How low, how little are the proud,
 How indigent the great!*

Gray's Ode 1.

JA' não arde o Suão : nos bastos ramos
 Meigo Favónio, suspirando, espalha
 Grata frescura, que convida aos campos,
 Ao risonho espectáculo dos campos.
 Dá me o teu braço, carinhosa Amiga,

jamais deixem
 carcere : no campo
 nelle tranquillo
 não tendo
 das acções suas
 libito seu ama,
 ando os desatinos :
 em mar, em terra
 sua cizania ;
 da em guerra , em

Reinos Neptuninos,
 victorioso (1)
 se eleve aos astros
 arando hum pouco,
 s contemple o es-

*des a escrever este
 mpos que este Gran-
 eroicamente em Tra-*

Engraçada Lieutard , e manso e manso
Nos vamos embrenhar nos densos bosques,
Dar pasto ao coração, dar pasto à mente.
Nessas vastas Babeis , Cidades ditas ,
Onde cem rostos, génios cem, cem fallas
Se encontrão, se combatem , se eonfun-
dem ;

Aonde o Luxo , em purpuras envolto ,
Em aureo throno , que corteja o Crime,
Désnatura os Mortaes, espanca , e bane
O Prazer , a Amisade, Amor , Ventura ,
Sentimentos, Razão, Verdade, e Honra;
Do Despotismo , do Uso , da Vaidade
Escravo seja o Homem ; de continuo
Pérfida a lingua o coração desminta ;
Sem reluzir em ouro , sem que atroem
Em pintada Berlinda, (nem que o Fado
Pés lhe tolhesse) senhoril Matrona ,
Que a virtude só funda na apparencia,
Soberbo Cortezão , (inuteis Entes ,
Do Sabio objecto ao riso !) e que os pre-
ceda

Equipagem lustrosa, jámais deixem
Seu Palacio, ou seu carcere : no campo
He livre, ousa pensar nelle tranquillo
Assisado Philosopho, não tendo
Fiscal, mais do que a si, das acções suas;
Vive a seu grado, a libito seu ama,
Zomba, ou chora do Mundo os desatinos;
Que a Discordia sacuda em mar, em terra
Seu facho destructor, sua cizania;
Que ferva a Europa toda em guerra, em
sangue ;
Que, amedrontando os Reinos Neptuninos,
Nelson té no morrer victorioso (1)
Entre bronzeos trovões se eleve aos astros,
E, na esphera do Sol parando hum pouco,
Dos contrarios Baixeis contemple o es-
trago.

(1) Quando eu comeccei a escrever este Poema havia poucos tempos que este Grande Homem morrêra heroicamente em Trafalgar.

E a gloria, que compron co' a morte á
Patria,

Exclame = Assaz vivi, morri vencendo =
Que o Corso audaz Reis ponha, e Reis
deponha,

E faça que em París reviva Roma,
Nada lhe altera o plácido socego,
Nada o surprehende ou pasma; antes, pe-
zando

Da Razão na balança acções tão grandes,
O devido louvor jámais subnega;
Mas isento de inveja, bem sciente
De que entre Heroes Guerreiros quasi
sempre,

(Muito embora blazonem té de Numes,)
Se da illusão despedir-mos o fantasma,
Em vantage aos mais Homens, só veremos
Ter posto a fogo, e a sangue o Mundo
inteiro

Oh! como dilatar-se aqui parece
Meu coração, e qual a flor aos raios

Da rotante manhã, se abre ao contento !

Que rica profusão de aspectos , cores
Attrahe meus olhos sossegos ! presumo ;
Que tudo quanto eu ouço , e quanto eu
vejo

Me convida a gozar ! Mais melin-
drosa

Era (confesso) a scena , que inda ha
pouco

Risonha alardeava a Primavera ! . . .

Nas gramineas encostas já não vejo
Surgindo a medo a tímida Violeta ;
A Rosa abotoar , florir o Espinho.

Vai decrescendo a purpura do verde

Em que fulgia a tunica da terra ;

Mas do ouro a côr succede-lhe ; e Natura

Toma hum ar mais augusto , e assim me
agrada !

De novas sensações confuso enxame

Já tanta actividade em mim não sopra ,

E me leva ao prazer ! minhas idéas
Não se atropelão rapidas, nem folga
Minha imaginação de extraviar-se
Pelo immenso Universo. Hú Sol mais vivo
Duplicando o calor, com seu influxo
Relaxa os nervos, músculos distende,
E ao repouso me inclina ! entra em meu
peito

Mais tranquilla, mais plácida, mais doce
Satisfação, que me engrandece, e anima.
Instincto pensador de mim se apossa,
Me chega ao Homem, me interessa o
Campo :

Se contigo, Lieutard, eu decorresse
De Geilão aromáticas florestas,
Ou da que ao Sceptro Hispano, insula,
arranca

O denodado Penn, vergeis frondosos
De auri-floreos Manjins, Cafés, Ollspi-
ces : (1)

(1) O Ollspice he huma especie de Mir-

Se respirasse a viração sadia
De hum clima salutar no ameno Elysio ;
Que tanto engrandeceste em versos de
ouro

Waller encantador , quando , fugindo
De huma Patria manchada em Régio san-
gue ,

Lá te foste asilar , d'onde trazidas
Por mão do Luxo á Europa estereis pal-
mas.

*tho da Jamaica , que de ordinario cresce até a altura de 30 pés : seu tronco he di-
reitissimo , e de mediana grossura ; cobre-
se com huma casca , ou cortiça luznte , e
espessa , que tira a pardo : deita humas fo-
lhas cheirosas, e semelhantes as do louro . os
ramos terminão em corymbos de flores co-
mo as do Mirtho ordinario ; seu fructo he
de huma virtude especial para fortificar
os estomagos frios.*

Vinhão transpondo os Ceos , transpondo
os Mares

Ornar a frente de Anglicas Beldades : (1)
Oh ! como acceso em Estro eu descantára
Esses grupos de altíssimas montanhas ,
De alcantiladas rochas , figurando
Que pendem , que despenhão ! densos
bosques ,

(1) *Entre a multidão de pessoas , que fugindo á tyrannia de Cromwel se acolherão ás Bermudas , se foi refugiar nellas Waller hum dos mais delicados Poetas da Inglaterra ; os louvores , que prodigalisou nos seus Versos áquellas pequenas Ilhas suscitarão tal enthusiasmo , que (diz Raynal na sua Historia Philosophica das duas Indias Tom. 7. pag. 239.) as Senhoras Inglegas se não julgavão bellas , nem bem enfeitadas , huma vez que não tivessem chapelinhos de folha de Palmeira das Bermudas..*

Que sobre ellas ondeão , que estendendo
Tortas raizes a travez das fragas
De lascados penedos , ahi procurão
Humido nutrimento , que as procellas
Depositarão lá ! sorberbos rios ,
Qu' em cascatas fluctisonas tombando ,
Com medonho estampido aos valles des-
cem ,

Onde , correndo em morbidos remansos,
Fazem brotar por fertiles planices
D'eterna Primavera o esmaque, e o viço ?
Mas, Campinas d'America , Indios
Campos ,

Não vos cede em belleza a Patria minha!...
Aqui não surge a férvida Canella,
Não floresce o Cacáo, nem corre o nectar
Dos verdes Canaviaes; porém que importa
Se com prodiga mão Ceres reveste
Nossos Campos de lúridas espigas ?...
Se o Numen d'Alegria, em Nisa honrado,
Folga de coroar-se , e enflora o Thyrsos

Dos vecejantes pampanos, que adornão
Nossos ricos outeiros? ... Se Minerva
Sua arvore aqui planta? ... Olfato, e
vista

Pomona nos lisonja com seus fructos? ...

(1)

Se a brincadora Flora aqui despeja
Seu florente regaço? ... Vossas aves
Sem galhardia mais que insulsas côres
C' o rouco pio vencerão das nossas
Dulcisono trinar, e arpejos doces? ...
Tu só, tu Rouxinol, que, ao pôr do dia,
N'hum verde Mirtho, solitario exprimes
Tão extremoso amor, tu só bastavas
A animar nossos bosques! Como, a ou-
vilo,
Doce melancolia a alma me opprime!

(1) *Porque a Fama te exalte, e te lisonje*

Camões.

Parece-me , que as arvores se inclinão ,
Que se demorão trépidos ribeiros ,
E os Zéfíros brincões as azas fechão
Para se enternecer , carpir com elle ! . . .
Com tamanha ternura a gentil Noiva
Não chamou nunca o adolescente Esposo,
Ou foi saudosa Mãi do Filho á pira
Dizer-lhe o ultimo adeos , votar-lhe as
tranças. (1)

(1) *Cortar os cabellos , era , entre os Hebreos , huma demonstração do maior lucto. Ezequiel para exprimir a angustia , que deve seguir á ruina de Tyro , diz : Et radent super te calvitium , et accingentur ciliciis. Entre os Gregos era do ritual funéreo , que o Parente mais proximo , ou a Pessoa mais interessada pelo Defuncto cortasse o cabello , e o queimasse com o cadaver. Homero , descrevendo as funeraes de Patroclo , diz , que Achys*

Se não vemes pular nos Lysios campos
 Rápida Arminho , e no cambiante pelo
 No Estio ouro emular, no Inverno a neve;
 Se alli longi-vidente , hirsuto Lynce
 Té ao cimo das arvores não segue
 Tímida preza , em que sacie a fome;
 Se artifice Castor, do Téjo á beira ;
 Com pasmo do Phylosopho não mostra
 Engenhoso primor d'architectura ;
 Por estes animaes , que apenas servem
 De exornar de pellica ao Rico estulto ,
 Com seu leite mansissimas Ovelhas

*les depois de aesculpar-se com o Rei Sper-
 chio*

εν χειρὶ κομὸν ἐτάρατο φίλοιο
 θῆκεν τοῖς δὲ πᾶσιν ἔφ' ἡμέραν ὠρεε γόοιο.

*Nas mãos do caro Amigo impõe a trança ;
 E saudade geral provoca ao pranto.*

Iliad. Liv. 23. v. 152;

Nutrimento nos dão, co' a lã nos vestem:

O cornigero Touro nos ajuda

A romper com o arado o seio á terra

Para extrahir os solidos thesouros

Firme esteio dos Povos! E quem póde

Olhar sem gosto o intrepido Ginete,

Ver-lhe as ondas da cauda, as bastas cli-
nas,

O medonho relampago dos olhos,

E o nitrido feroz, que a guerra incita!

Languido toza a relva, ... a tuba canta,

Estremece, arde, espuma, a terra pulsa,

E deseja, que o dorso já lhe opprima

O Cavalleiro impavido: com elle

Se arroja aos batalhões; cresce-lhe a au-
dacia

Ao rufar dos tambores; não se assusta

Vendo luzir mortíferas bayonnetas;

Folga escutando o súbilo das ballas;

Ganha a victoria, ou sem pavor fenece!

Se ufania vos sopra a infausta posse

D'esses metaes funestos, que outro tempo
Tantas vezes em sangue vos tingirão ,
Nascem a farto aqui, nós os pizamos ! ...
De nossos montes no abrazado seio
Sali-sulphureas , sem cessar s'elevão ,
Exalações , que operão , que dividem
Metalinas moleculas , e as fazem
Turbilhonar nas terreas cavidades ;
Humas com outras no girar se engrossão,
Cedem ao pezo , e cahem , e se empastão,
Formão puros metaes , a Prata, o Ouro,
Plumbo, Cinábrio, o Hydrágitro, que en-
frêa

Virulenta Syphile ! De igual modo
Nos figurarão já ténues parcellas
D'esse Ether subtilissimo expandido
Na vasta Creação , que , combinadas
Co' as substancias chilígenas, nos corpos
O espirito, que os move, influem, gerão!
Oh Lysia, oh ! cara Patria, Eden
d'Europa ,

Mãi fecunda de Pindaros , de Homeros ,
Tuas lindas paizagens , teus prospectos
De hum Roucher , ou de hum Tomp-
son não poderão

Inda o génio accender ! . . . indifferentes
Teus Cantores olhárão ricas scenas ,
Em que em torno lhes ria a Natureza ,
Vertendo a inspiração ! Sem trans-
portar-se

Vicissitude immensa contemplarão
De perspectivas, onde o forte, o brando,
Assombroso , e aprazivel se alternavão ,
Em valles , em montanhas , vargens ,
praias! . . .

Ora erguendo-se aos Ceos agudos sérros,
Estalados penedos , que parece
O cahos recobrar , restos medonhos
D'extinguidos vulcões ! alli negreirão
Entre o fundido ferro , escórias , lavas ,
Congestos de Balsático ; arde o Spatho ,
Schistos , Schorles fractiveis pedras, que
ornão

C

Despojos dos tres Reinos ! Ora fulgem
Verde Esmeralda , e nítida Saphira ,
Diaspro , Amethysta , Agatha , e Peri-
thes ,

Grenada , Onix , Diamante ! além se
elevão

Calcárias massas , Marmore , Alabastro ,
Que tua mestra mão fará , sem custo ,
Em Numes transformar , solerte Go-
mes ! . . . (1).

Na flor da terra ao longe reverberão ,
Por entre a relva , e as mádidas aréas ,
Do Rei do Dia ao tremulo reflexo ,
Os diáphanos cristaes , brilhantes filhos
Da terra , e mar , quando ella o Sol fal-
sêa ! . . .

Eis perto , e longe em quadro pictoresco
Arvoredos , Casaes , Collinas , Fontes ,

(1) *Alexandre Gomes , excellente Es-
culptor . Portuguez.*

Flumens, Prados, Plantios, e Reman-
sos,

Onde imaginações sublimes, ternas
O espirito salteão !... Ledos Gados
Pascem as relvas mórvidas, que enco-
brem

Magestasas ruínas de hum Castello,
Onde outr'ora soberbas tremularão
As Mauritanas Luas !... Lá descobre
Rustico arado ossadas dos Romanos,
Que ao ferro de Viriato a vida derão !...
Este Rio me diz, que em margens suas
Viô fugindo Pompêo !... Nessa Cam-
pina

O fementido Galba sangue em chorro
Fez cotrer á traição de hum Povo iner-
me !

Aqui, entre trezentos mil alfanges (1)

C 2

(1) A este numero faz la Clede saber,

Do Mourro atroce, impavidos erguerão
Lusitanos Heroes seu Rei primeiro ! . . .

Com que ternura, Scálabys, não viste
Caro ás Musas, e a Marte o brave Her-
mingues

Sobre palmas, que o sangue borrifava (1)

*o Exército dos cinco Reis Serracenos, que
D. Affonso Henriques derrotou no Campo
de Ourique. Vede Histor. de Portug. Tom.
III.*

(1) *Gongalo Hermingues (Filho de Her-
mingues Gougalves, e Cavalleiro muito
acceito na Corte d'ElRei D. Affonso I.
pela sua bizarrria, valor, e mais que tu-
do pelos seus talentos poéticos) derrotan-
do os Mourros defronte de Almada, se re-
colheo a Santarem triunfante, e carrega-
do de despojos. Alli se apaixonou perdi-
damente por huma gentil Meura, que elle
mesmo tinha captivado na passagem do
Téjo, com morte do Cavalleiro, que a es-
cortava. A bella Mahometana não foi in-*

De Fatima render-se a hum terno riso!
Inda murinura em margens do Mondego
Essa Fonte, que o nome tem de Amores,
Onde folgando em braços do teu Pedro
Estavas, linda Ignez, posta em socce-
go (1)

sensível aos suspiros de hum Senhor tão amavel, ella recebeu o Baptismo mudando o antigo nome de Fatima no de Oriana, e casou com Hermingues, que cõda vez mais amante, não cessava de inventar galanteios para divertila, fazendo della o unico objecto das suas Poesias, das quaes se conseruõ algumas. As Damas da Cõrte a cantavão, e invejavão a sua ventura, que se murchou em flor pela immatura morte da formosa Oriana. Hermingues tomou tanta paixão, que, aborrecido do Mundo, fundou o Convento de Santa Maria de Thomar, onde acabou a vida.

(1). Verso de Camões no tão celebrado

Sem temer o punhal, que a Inveja erguia!

Eximios Vates, que adornais a Patria,
Tempo he já de mostrar ao Elba, ao
Thames,

Que tem Pardos o Têjo, que descantem
Seus Elysios gentis em metro augusto.
Festões de flores entretece a Gloria

Episodio da morte de D. Ignez de Castro, onde falla da fonte dos Amores nesta Quinta digna de Ovidio.

As Filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo, chorando, memorarão,
E, por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformarão:
O nome lhe puzerão, que inda dura,
Dos Amores de Ignez, que alli passarão
Vede, que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua, e o nome amores.

Lusiad. C. 3. Stanca 135.

Para a frente cingir-lhe, e os chama ao
Campo !

Ouvidos não cerreis á voz da Deosa.

Aqui onde ribeiros tortuosos

Verdoso esmalte mórbidos retalhão

Desta campina em modos mil, e á som-
bra

Destes pomares recendendo ao longe

Co' a alva flor de auri-verdes Larangei-
ras,

Vem dedilhar de Crámer o Alaude (1)

Culto Elpino, por quem de Horacio as
notas

Soão na Lusa Cithara tão doces : (2)

(1) *Huns toção alazões sonorosos*

*Cutros arpas dedilhão, com que en-
cantão.*

Barbuda Virgino Cant. 4.

(2) *O Illustíssimo Senhor Desembar-*

Tu tambem , que a amizade une com-
migo ,

De quem mil vezes escutei gostoso

Os versos immortaes , que Phebo appro-
va ,

Vem , fecundo Tomino, e recostado (1)

Ao verde abrigo de hum rosal frondente

A' Primavera canticos entoa ! . .

Trajados de Germanica harmonia

Corrão teus Versos , bastos como as on-
das ,

Vários como o tapiz que os prados ves-
tem.

*gador Antonio Ribeiro dos Santos , Biblio-
thecario Mór da Real Bibliotheca Públ-
ica de Lisboa , que , debaixo do nome de
Elpino Duriense , enriqueceo o nosso Par-
naso com huma elegante Tradicção em
verso das Odes de Horacio.*

(1) *O Senhor Thomaz Antonio dos San-
tos e Silva.*

Seja a voz de Wielland, de Young &
Lyra.

O novo Estádio correrei comvosco,
Natureza nos abre os seus arcanos,
E a meiga solidão nos presta abrigo!

Amavel solidão, tres vezes salve!
Amavel solidão! Tu és o extremo
Dos bens, que Jehovah reparte ao Mun-
do:

Por ti nossos prazeres se aviventão,
Por ti nossos pezares se amortecem!

Amante desditoso, que revolve
No coração Océanos de penas
Foge a teu seio: á chaga tu lhe vertes
Salutifero anódino, e benigna
A dor lhe estancas, e a razão lhe volves:

Lá quando em torno aos muros de Ne-
ptuno, (1)

(1) *Con ulce-se a Iliada. Livro 9. Vers-
ses 186.*

Com guerra de dois lustros , fatigavão
Da Grecia os Filhos os Heroes da Phri-
gia ;

Do altivo Rei dos Reis , do audaz My-
ceno

Vivamente offendido , e maldizendo
Porque os Ceos a vingança lhe coarcta-
vão ,

O Filho de Peléo , da Grecia o Raio ,
Deixadas armas , gloria , amigos , tudo ,
Entregue só a ti , ao som da Lyra
Na solitaria praia descantava

A enternecida Amante, que em soluços
Por graceiros Heraldos arrastada
Em vão de Achylles implorára o nome.

Artes , Sciencias , dadivas do Eterno,
Que o Mundo abrilhantaes, ao seu abrigo
O mor lustre deveis ; nelle incansavel
O sublime Bufon , co' a mente accesa ,
Co' a vista curiosa penetrava
Da Natureza o Sanctuario occulto ,

CANTO I.

Onde em mistica nevoa envolta, esquivas
Olhos ignaros do profano Vulgo ,
E o liminar lhe vela assiduo Estado ,
Cujos ardente fanal mostrava ao Gênio
Altas verdades , immortaes segredos ,
Com queo Mundo depois encheo de as-
sombros.

No repouso da noite , quando o somno
O resto dos Mortaes em ócio ignavo
Prendia ao leito , o Newton da Tosca-
na (1)

(1) O célebre Galilei, punido por en-
sinar o *Systema* de Copérnico, hoje ple-
namente recebido de todos os Sabios.

Tanto Tozio poteo , tanto l'antica
Da l'embra uscita , e di flagelo armata
Dota Ignoranza , chi de i sacri ingegni—
Sedeo Tyranna , in manzo arabo , in lingua
Barbarica stridea sola maestra ,
E infessa a spaventar l'arte nascente

O PASSEIO

Victima da Ignorancia , e Fanatismo ,
Titão sem crime , hia escalar o Olympos ,
Olhava o curso das fulgentes massas ,
Milhões de Mundos , que no espaço nadão ,

Chegando-se , fugindo-se continuos ,
Reciprocos se prestão luz , e sombra.
Via-se era o Cometa , qual pensava
A rude Antiguidade , annúncio torvo ,
Da ruina dos Reis , quêda de Imperios ,
(Pois throno jámais cahe , sem que seu
pezo

Esmague huma Nação) ou vagabundo
Explorador do exercito dos Astros ,
Que humilde á voz do General prestante
Descreve em torno ao Sol elipse immensa.
Vós prazer dos Mortaes , da vida encanto ,

Vanto gia Galileo vinto per lei.

Bentenelli.

Filhas do Ceo, oh! Graças tres das Ar-
tes,

Sábia Poesia, Musica, Pintura,

Vós da Morte rivaes, rivaes do Tempo;

Que em metro, em canto, que em pin-
cel divino

Os Heroes arrancais á campã fria,

O pensar lhe volveis, voz, moto, e
vulto,

E ao seio os conduzis da Eternidade,

Quanto não lhe deveis? Foi por ventura,

No turbilhão, e estrepito do Mundo,

De brilhantes, faustosas assembleas,

Ou recolhido em si, que o Anglo Ho-
mero (1)

Vingando-se do insulto da Desgraça,

Que aos olhos o Universo lhe furtava,

(A' maneira do Heroe, que vê mal pagas

(1) *Veja-se sobre esta passagem o Pa-
ralaxe perdido de Milton.*

De Tiranno , que serve , altas proezas ,
Vai off'recer-se a Principe brioso ,
Que o ama , e com usura o remunera ,)
A terra desdenhando , sobre as azas
D' aquecida , inspirada Fantasia
Impavido adejava ignotos Mundos ,
Hia ao throno curvar do Omnipotente ,
Ouvir-lhe a voz , e , examinando o Em-
pyreo ,
Ao Baatro profundo se arrojava.
Eá o Antitheo Satan bramando via
Do igneo lago surgir , qual sahe zunin-
do
Das inflamadas fauces do Vezuvio
O lava destructor , que envolto em fumo
Visinhas Povoações destroe , derruba ,
E ameaça ruina ao Orbe inteiro ;
Do Monarca infernal ouve o Concílio ,
Acompanha-o depois , vê como encara
A incestuosa Filha , o Filho infando ,
Passa incerta a do Cálhos anarquia ,

Vê-o atravez do vácuo ao Sol subindo
Uriel illudir, e no Eden sacro
A innocencia opprimir ! O' Noite ami-
ga,

Socia da solidão, tu testifica
S' ella foi quem dictou o Canto augus-
to

Ao Britanno Cantor ! Quem, senão ella,
A Tasso revelou os ais, os prantos,
Ternos suspiros da extremosa Ermínia ?
E extrahia do meio dos sepulchros
Esses nocturnos, ponderosos Cantos
Do Vate do Futuro, (1) que encantarão
A soberba Albion ? Tu, que de Roma
Foste a gloria, e hês o Idolo do Mundo,

(1) *Young, Poeta Inglez tão estimado das Pessoas de gosto pelo pathético, e sublime colorido das suas Noites. Era escusado advertir, que lhe deu este epitheto de Vate do Futuro pelo seu Poema do Juizo Final.*

Tu, que brilhante Estrella encaminhas-
te

Meu passo juvenil pela ardua senda
Do difficil Parnasso a tantos invio,
Oh! Mestre, oh! Phebo meu! Virgilio
amavel,

Quem póde duvidar que a Musa tua
Amára a solidão? Tu mesmo o dizes,
Quando, depois de expôr em versos de
ouro

Os segredos dessa arte proveitosa
De alimentar os Homens, (1) que in-
sensatos

Mal se lembrão que existe, quando in-
sanos

Na que os destroe se esmerão, suão,
canção,

(Próva disto os excessos de meus dias,
Que o Senna, o Tibre, o Téjo, o Ni-
lo, o Rheno

(1) *As Georgias.*

Fizerão enxorrar sangue , e inda agora
Levão da Guerra o fogo ao frio Nor-
te) (1)

Em quanto Cesar vencedor no Euphra-
tes (1)

(1) *Ardia então no seu maior vigor a
Guerra da Russia.*

(2) *Hæc super arborum cultu , peco-
rumque canebam*

*Et super arboribus : Cesar æm magnus
ad altum*

*Falminat Euphratem bello , victor quo
volentes*

*Per populos dat , viamque adfectat
Olympo.*

*Illo Virgilium me tempore dulcis alebat
Parthenope studiis florentem ignobilis oti ;
Carmina qui lusi Pasiorum audax que
juventa ,*

Tityre , te patula cæcini sub tegmine fagi.

Georg. Lib. 4. in f.

Fulmina victorioso, e Leis promulga
A submissas Nações, tanto engrandece
Da tranquilla Parthénope o repouso.

Desce a noite, supita o Somno o Mun-
do :

No solitario leito a infausta Dido (1)

Única véla : em mar de pensamentos

Sua idéa naufraga : Amor, Vingança,

Odio, Furor no peito se lhe alternão,

E em toda a parte o Teucro se lhe anto-
lha.

„ He esta a fé, exclama em pranto a tris-
„ te,

„ D'esse Heróe em piedade abalizado !

„ Que o velho Pai salvou por entre as
„ chammas

„ Da abrazada Dardania !. que blazona

„ D'interessar os Ceos em seu destino!...

„ Se he tal hum Semideos, quem será
„ monstro !...

(1) *Recorr. se á Eneida. Livro 4.*

„ Sacodido do mar co'a morte á vista
„ A's praias do meu Reino, acolho mei-
„ ga . . .

„ Franqueio-lhe meu Paço: . . . oh! . . .
„ isto he nada . . .

„ Minha mão . . . e por premio me a-
„ bandona ! . . .

„ Cabe tanta maldade em peito huma-
„ no ? . . .

„ Ah ! se o rosto he fiel retrato d'alma,
„ Seu rosto taes perfidias não promet-

„ te . . .
„ Eu talvez m'enganei . . . suas palavras

„ Não percebi . . . talvez , Dido infe-
„ lize .

„ Amor com vãos fantasmas te atormen-
„ ta . . .

„ Sim , as Náos , que engolfadas já pre-
„ sumo ,

„ Talvez na fulva arêa a quilha encra-
„ vão . . .

Nada socega a receosa Amante ,
 Corre inquieta a mísera Rainha ;
 Já com trémulo pé ganha alto eirado ,
 Que dominava o mar , e imóvel fica !...
 A' luz da incerta Aurora vira a infausta
 Do perjuro os Baixéis, que a plenas vélas
 Entre as vagas azues de hum mar dou-
 rado (1)

Sobre as azas dos Ventos se escondião ,:
 Hum pouco torna em si , que não tor-
 nára ,
 Sentíra menos dôr ! „ Que ! desafer-
 „ rão ! : : :
 „ Partirão ! : : : ai de mim ! : : : Oh Jo-
 „ ve , oh ! Numes ! , : : :
 „ Mas que Jove , ou que Numes ! , : : :
 „ São quimeras , : : :
 „ Ou justos em punir minha loucura ! : :
 „ Eu , eu propria devia o tenro Filho

(1) Dois versos de Gaiçães.

„ Co' estas mãos lacerar ; . . . c'os inimé-
 „ bros delle
 „ Banquetear o Pai ! . . . Mesmo a seus
 „ olhos (1)

(1) *Infelix Dido! nunc te fata impia tangunt!*

Tum decuit, cum sceptrā dabas. En dextra fidesque!

*Quem secum patrios ajunt portare Penatis,
 Quem subiisse humeris confectum atque parentem*

Non potui abreptum divellere corpus, et undis

Spargere! non socios, non ipsum absumere ferro:

Ascantum, patriis quē epulandum ponere mensis

*Verum anceps pugna fuerat fortuna . . .
 Fuisset! . . .*

Quem melui moritura! Faces in castra tulissem,

- „ Levar o fogo ás Nãos, matar-lhe os
 „ Socios,
 „ E enviá-lo depois ao negro Inferno
 „ Seus Manes consolar . . . mãs . . . ah !
 „ que os Monstros
 „ Já de todo a meus olhos s' escondê-
 „ rão ! . . .
 „ Zombão do meu furor, e fico inul-
 „ ta !
 „ Furias surgi, brami Tufões, e Ven-
 „ tos,
 „ Inchai-vos Escarcéos ! . . . vossos fu-
 „ rores
 „ Sobre o Ingrato apurai . . . vingai
 „ vingai-me . . .

Implessemque foro flammis, natumque pa-
remque

Cum genere extinxem; memet super ipsa
dedissem.

Virg. En. L. 4.

„ Jogo das vagas largo tempo , acabe
„ Sobre duro penedo esta alma . . .
„ esta alma

„ Que hum momento não tarda , che-
„ gue o tempo .

„ De insultar seu destino. . . Mais dis-
sera ,

Mas fallece-lhe a voz , e á dor succumbe.

Quadro divino , vezes mil fizeste

Meu pranto borbulhar ! Talvez o Vate

A' mesm' hora, em que o Teucro fermen-
tido

A miseranda Elisa abandonava , (1)

Pensava a ti ! talvez na muda noite

Vinha inspiralo o espirito da infausta ,

Descubrir-lhe fiel quaes então forão

Sua dôr , suas vozes , exultando

Dê eterna reviver em seus escriptos.

(1) *Dido.*

Rafael, e Lully, Rameau, Corré-
gio, (1)

E vós, Patricios meus, Marcos, Hen-
rique, (3.)

Que d'Elmano as feições roubaste á Mor-
te,

(1) Rameau, e Lully são tidos pelos
Pais da Musica Franceza, e os Recita-
tivos deste ultimo paixão por sem iguaes
na França, assim como as Arias do ou-
tro: Destes dizia Voltaire: Rameau en-
cantou os ouvidos, Lully encantava a al-
ma. Rafael, e Corrêgio célebres Pintores.

(2) Marcos Antonio Portugal bem co-
nhecido até na mesma Italia pelas suas
Composições de Musica. Fallo tambem aqui
de Henrique José da Silva, que tirou o
retrato de Bocage moribundo (patriotismo,
que não tiverão os Pintores do tempo de
Camões) acção, que foi celebrada por
quasi todos os Poetas Portuguezes. Ao Ge-
nio só he que pertence honrar o Génio.

Para que sempre os Pósteros tivessem
Seu rosto em teu pincel, a alma em seus
Versos ,

Seus Discipulos sois; mas quem no Mun-
do ,

Amavel Solidão , a ti não deve
Sua gloria , ou prazeres ? Ai daquelle
Que em teu seio não folga de abrigar-
se !

Virtuoso não he. A'spide occulto ,
Que as entranhas sem dó lhe dilacera ;
He o torvo remorso , que lhe esperta
Não desmentida voz da consciencia . . .
Consciencia , que és tu ? . . . fiel relógio,
Obra prima do Artifice Supremo ,
Que ao Homem lá no fundo d'alma a-
pontas

Delictos , e virtudes ! de tí fuja
Quem lembrança do crime afflige, ancêa!
Desgraçado , oh ! Lieutard , o que as
mãos impias .

D

Tyranno cruentou em sangue humano ,
Se , fugindo a si mesmo , escapar pensa
Nos solitarios bosques embranhado !
Companheiro fiel dos Réos , o Medo
Vai em seu coração , e lho povoa
De fantasmas sem conto a oppressa idéa
Brando murmúrio de agitadas ramas
He do trovão o estouro , que annuncia
O raio vingador do Omnipotente !
Pequenino regato , que deriva
Por entre alvos seixinhos saltitante ,
Os brados , com que o sangue despargido
Clama vingança aos Ceos ! e em toda a
parte

Sombras , ventos , outeiros , que figura
Mil Lé nures de aspecto carrancudo ,
Lhe quebrão tanto os olhos , que en-
doucece !

Que differente quadro nos presentão
Dois puros corações de amor accessos ,
Que hum para o outro , como nós , res-
pirão ,

E as incertas tensões só se abandonão;
Longe o negro pezar ecúleo d'alma!
Em torno d'elles ri-se a Natureza,
O Ceo chove seus dons, pulsa a alegria!

Quantas vezes á sombra destes myrthos
Reclinando no molle teu regaço
Minha cabeça, e sôfrego fitando
Teus lindos olhos, únicos-meus Deoses,
Beijando a nivea-mão, com que me af-
fagas,

De teus lábios perdi immoto, e quedo!
Em mares de prazer a alma engolfada
Gravando a Terra rebentar-me em flores,
Cantando festejar-me as Avesinhas,
Os Ventos murmurando de invejosos,
E luminoso Génio em nuvem de ouro
Sobre nós despargindo Idalias Rosas!
Então, mudando ser, o pensamento
Em ti fixava; em extasi, pensando
Que o Mundo fica alli, não vai mais
longe.

D

Momentos de prazer parai fugi-
rão !

Momentos de prazer ! quanto sois leves !
A fugir , e a volver quanto tardonhos !
Parece que prégaís á Humanidade ,
Que á dôr nasceo , á pena , ao pranto ,
á magoa !

Da America tranquillos Habitantes ,
Quem , melhor do que vós , pôde affir-
mallo ?

Vós , que outr'ora o Destino parecia
A' desdita furtar ? . . . em vão Natura
Vos tinha acantonado em Mundo igno-
to ! . . .

Immensuravel pélago debalde
Vos circum-defendia ! que obsta ao Ho-
mem ,

Quando o inflamma a ambição , o accen-
de a gloria ? . . .

Por esse mesmo pélago já rompe
O Ibéro destructor , co' a Morte ao le-
me :

Debalde empolla o mar, que s'embravece
Com a insólita audácia! ... em vão tres
vezes

① Génio desse globo a mão levanta, ..
Porque em líquido túmulo sepulte
Dos Corsarios da Europa o nome, os
crimes! ...

Irrevogavel Lei do Fado o impede;
Elle o conhece, e as lagrimas lhe asso-
mão:

„ Ai, miseranda America, não posso,
„ Não te posso valer! ... Eu vejo os
„ ferros,

„ Eu vejo a escravidão, vejo os estra-
„ gos,

„ Que esses Balxeis conduzem! a Ven-
„ tura

„ Foge deste Hemispherio, e Amor
„ com ella.

„ Olho o sangue, olho o fogo: já fu-
„ zila

- „ O tremendo Cortez , o audaz Pizzáso,
 „ O bronzi-tono Almagro , que dos
 „ Andes , (1)
 „ Collossos , que dos Ceos o peso atua
 „ rão , (2)
 „ A cordilheira aspérrima atravessa ,
 „ Para ir fartar no Chili a sacra fome (3)
 „ De sangue , e de ouro , que lhe abare
 „ ca o peito !
 „ Vejo os trovões Hespéricos , que pros-
 „ trão
-

(1) *Este cordão de montanhas (as mais altas do Globo) se distende por mais de mil e duzentas leguas do Istmo de Panamá ao Estreito de Magalhães , e divide o Reia do Chili , correndo de Norte a Sul.*

(2) *Verso de Bocage. Tom. III.*

(3) *Quid non mortalia pectora
cogis*

Auri sacra fames !

Virgil.

„ Os Pagodes do Sol ! . . . Lá sobre as
 „ aras
 „ Seus Ministros por victimas expírao !...
 „ Que Povo immenso , que remeda a
 „ noite
 „ Na côr da face , que o pezar lhe en-
 „ ruga ,
 „ A este Orbe devastado se transplan-
 „ ta ! . . . (1)

(1) *Il est étonnant que tandis que l'Eu-
 rope , et la France en particulier , s'élève
 avec tant d'unanimité contre l'abus de l'es-
 clavage des Negres ; on souffre que des
 Nations voisines , non seulement fassent
 une guerre injuste au commerce tranquille
 , mais encore réduisent à un esclava-
 ge , mille fois pire que celui des Negres ,
 ceux des Voyageurs , Marchands , Soldats ,
 Marins pris sur nos Vaisseaux , et qui
 deviennent leurs prisonniers ; j'en parle des
 Barbaresques , dont l'infame brigandage*

- „ Aos centos , aos milhares os vomitão
 „ Artilhados Galeões ! tùmida a espalda
 „ C'o retalhante açoute , e tarda a plane
 „ ta
 „ Do estridulo gailhão , entranhas rom
 „ pem.
 „ De rochedos , e montes , por que es-
 „ cavein
 „ 'Thesouros , que enriqueção seus ty-
 „ rannos !
 „ Ou nutridos de hum pão , que o pran-
 „ to abrandá ,
 „ As preciosas arvôres cultivão ,
 „ Que o luxo lhe fomentem com seus
 „ fructos.
 „ Mas que espadana fúlgida rompendo ,

*appelle contre eux les armes des Nations
 policées , et sur-tout commerçantes.*

Mr. Peuchet , Dictionnaire Universel
 de la Geographie Commerçante. T. 1. p. 120.

- „ A nevoa espessa , em que se envolve
„ o tempo ,
„ Prospectos abre , que o desgosto ado-
„ ção !
„ Regozija-te America ! a vingança !
„ Chega dos ferros teus ! por que alto
„ preço
„ Teu dominio fatal adquire a Europa !
„ De Polo a Polo a guerra s' incendêa
„ Cresce a exigencia , estragão-se os
„ costumes ,
„ Perece a fé dos thalamos ! mil fórmag
„ De inauditas , de esquálidas Doenças
„ Toxicos vertem de tartáreas taças !...
„ Corrupta a geração nas proprias fontes,
„ O acceso Amante pallido-recêa
„ Hir a morte encontrar da Amiga em
„ braços ! . . .

Assim fallando o Genio, em densa nu-
vem

Rosto , e vulto envolveo , no mar su-
mio-se.

O yaticínio atroz encheo-se em tudo.
 Onde ha peito de bronze , e voz de ferro
 Capaz de referir porção mesquinha
 Dos homicidios , sacrilegios , roubos ,
 De attentados sem nome, que horrorosos
 Alastrão Perú , México , Antilhas ? ...
 Quem poderá contar Nações inermes ,
 Espavoridas , timidas fugindo
 Ante Homens Numes do trovão Senho-
 res ? (1)

Degolados os Reis , tenros Infantes
 Das moribundas Mães vertendo a vida
 Sobre os abertos peitos ? . . . nem des-
 maião

(1) *Per insolitas mares ,
 Calcando insanos medos*

*D'além Colomb , daqui o inclito Gama ,
 Vão tremular occidentaes bandeiras
 Entre Povos , que ajoelhão
 Ante Homens Numes do trovão Senhores.*

Francisco Manoel.

Os Hispanos crueis ! ... que nova especie
De Homens são elles, se Homens são, não
Furias ?

Oh ! verdade cruel ! ... fizera o mesmo
Outro Povo qualquer , que , seduzido
De céga opinião , virtude , e gloria
Essas proezas barbaras julgasse !

Sim , Amiga , supposto a humana es-
pece

Tão vária nos pareça , he sempre a mes-
ma ,

Inda que os accidentes modifiquem
Estendamos a vista no Universo ,
Vasto Hospital, onde os Mortaes delirão
Em quanto d'espumosas, salsas ondas
Cinge o Padre Oceano ; ou guarde o
nome ,

Ou , cõ' as Nações mudando-o porque
passa .

Banhe estrangeiras, e longinquas praias ,
E o Hispério confunda ao mar Eóo ;

Nas diversas paixões, nos varios climas,

Que influem nos Mortaes, que os diversão,

Seja soberbo China, ou Persa adusto,
Sombrio Inglez, ou pensador Germano,

He o fundo do Homem sempre o mesmo;

Sempre ri ao prazer, e á dor suspira,

A vingança lhe apraz, resvala ao vicio,

E a virtude procura, e se affadiga

Apoz o seu fantasma, e o da ventura;

Que ventura, e virtude he nóta a poucos,

E moldalla a seu genio intentão todos!

Tal no imperio de Amor, na variedade
De talhe, de feições, de gesto, e garbo,

Que as Ninfas nos presentão, na que amamos,

Crêmos ver a belleza, e della á vista

Vilescem as demais, enojão, pesão.

„ Quão louco Harpágo ! que milhões
„ ferrolha ,
„ Na abundancia indigente , e dia , e
„ noite
„ Ajoelhado aos cofres , faz , sem pejo
„ Seu Numen do ouro ! socegado somno
„ Jámais lhe affaga os encovados olhos :
„ Doces prazeres , nectar da existencia
„ Para elle não são , e assim presume
„ A dita encadear dentro de hum cofre !
Assim exclama Alcipo , e Alcipo acerta :
Mas será menos que Harpágo insensato ?
Elle ao menos o cré , certo a seus olhos
Nada he mais que a avareza aborreci-
vel :

Mas fugindo este vicio dá no opposto .
De igual maneira no Trinacrio Estreito
Charybdis foga o Nauta , e topa em
Scylla .

Mas o profuso trem quiçá que o lustra ,
Esse ouro , que a diluvios elle entorna ,

Pelas mãos de lascivas Bailarinas,
 Amantes sem amor, voragens fundas,
 Sempre abertas, e sempre insaciáveis;
 Esses lautos festins, a que tombando
 Preside a Embriaguez, e em côro cantão
 O Tumulto, o Delirio, o Excesso, a
 Gula,

De Harpago a par bem podem collocar:
 Ambos pela ventura se affadigão.
 Mas do character proprio extraviados,
 Não conhecendo a dita, vão fundalla
 Harpago em ouro, Alcipo em vãos praze-
 res.

„ Longe hum Mundo empestado, lon-
 „ ge hum Mundo
 „ Cópia do Inferno, onde campeão vi-
 „ cios,
 „ Onde, excepto a Virtude, o mais so-
 „ beja!

Brada em barbaro zelo hum Pai sem siso,
 E, os intuitos frustrando á Natureza,

Aos Altares arrasta ingenua Filha
Nascida para amor, cujos feitiços
Tornarão feliz hum terno Esposo,
Se ao Amante, que adora, a não roubas-
sem.

Curvada a infausta victima, recebe
O véo fatal; e em pranto, e mais ainda
Em soluços por vozes, pronuncia
O sacro juramento, que levanta
Invencivel barreira entre ella, e o Mun-
do.

Applaudem os Amigos, e os Parentes,
E exclama o Genitor: He já ditosa!
Roubei-a ao Mundo, á Seducção, e En-
gano!

Exultas Inaensato! ... chorar deves! ...
Foi só para miserrima tornalla,
Que á Filha deste o ser? Quem? ... quem
te ha feito

Déspota de vontades! Donde houveste
O direito horroroso de arrancares

D'entse os braços de Amor fraca Donzel-
la !

O Monarca fraudar , a Patria , o Mundo
Da cadêa de Heroes , que talvez della
Brotaria feliz , e fôra illustre
Em gloria reluzir na Eternidade ?
Bóde ser grato aos Ceos hum dom vio-
lento ?

Livre a vontade nos deixou o Eterno ,
E hum Pai maior poder , que hum Deos
se arroga ?

Não temes , que sacrilego profane
O sacrosanto Altar , Ente que tenha
No Claustro o corpo, o espirito no Mun-
do ?

Entra comigo nesse asylo, aonde
Mil , como a tua , victimas piedosas
Do Despotismo , do Erro , do Interessê
Seus Tyrannos maldizem, vida, e fado !...
Alli se alagão solitarios Leitos
Em lagrimas nocturnas ! ... comprimí-
das

Em silêncio espantoso se devorão
Agradas lembranças de memorias doces!...
Seus quadros a Saudade, e Amor presen-
tão! . . .

E a grata Liberdade, então mais grata;
Por que impossivel he, vem inquietallas
Te quando entoão sacrosantos Hymnos,
Ou co' a imagem do Amante não logran-
do,

Qu do prazer c' os quadros seductores!
Apraz-te este painel? crês-te inda justo?
Filha dos Ceos, que a Terra e Ceos con-
junges,

Porteira ao Sacro Elysio, Orgão do E-
terno,

Quando te dignas de fallar aos Homens,
Santa Religião, que Nome augusto
Por excellencia ao próprio te compete?
De ti dimanão sólidos prazeres,
Verdadeiro saber; sem teu archote
Insensata he Razão, e o Sabio estulto!

Por ti a Esposa o Esposo não falsa ;
Quando pela justiça empunha as armas
O Guerreiro sustens no Márcio Campo :
Tu a fonte perenne d'onde emana
A sensibilidade encantadora
Mãi de nossas delicias mais gostosas ,
Mãi de nossos pezares mais pungentes ,
Que os Homens fraterniza ! em duro
 leito ,
Quebrado a tratos de miséria , e dores ,
Desfallecido Enfermo a dobois vozes
Soccorro implora ! impávida rompendo .
Por infecções , por ancias , sustos , me-
 dos ,
Que Amisade talvez , e a Natureza
Temêrão de arrostar , benigna vôas
Dar-lhe consolação : no ponto extremo ,
Das quimeras do Mundo o desenganas ,
Sóbes-lhe a idéa ao Ente Auctor dos En-
 tes ,
Princípio , e Fim de tudo , em cujo aspe-
 cto

**Hum momento , hum momento só d'en-
fado**

**Sóbra a punir mil seculos de culpa !
Salve , Irman da Rasão , e apoio della ,
Deusa , que adorei sempre ! eu por ti ju-
ro ,**

**Que da calumnia o fel.verter não tento
Nos sacros.votos teus ; respeito ó Diva ,
Sacrosantos asylos , onde escondes
A's tormentas da vida ingenuas Virgens
Ao Eterno votadas , só condemno
Abusos , e violencia , que abominas.**

**Deslumbrado ao fulgor , em que rutlla
Bese fantasma vão , que chamão Gloria ,
Lá deixa o Macedonio , só ouvindo
Os brados da esperança , escasso Reino ,
Que o berço fôra seu ! Atravessando
Mais veloz , que o relâmpago veloce
Nações imigas , co' a victoria em frente ,
Altos montes aplaina , saltá rios : : : .
Só a escutar-lhe a voz n uralhas ruem !...**

Prostrão-se Imperios , sóbem Reis , ou
descem ;

Muda recúa ao vello a Natureza !

A Soberba do Heróe fascina os olhos ,
D'Homem se péja , a Jove arroga a ori-
gem :

A lisonja servil , que doura os crimes
Altar lhe dá , e incenso ! . . , insano ! . .
estulto ! . . .

Traidora mão propina-lhe o veneno ,
Morre o Deos ! . . . e o que assombro foi
das gentes ,

He das gentes baldão ! na sepultura ,
De que hoje nem sequer vestígios du-
rão ,

Repousa , como os mais , quem se indi-
gnava

De que hum Mundo , e não mil , noto
lhe fosse !

Cégo do exemplo seu , entre nós Car-
los.

Do coração do Norte audaz rebenta:

„ Eu vou , diz elle em si , provar ao

„ Mundo ,

„ Que não serão sómente Grecia , e Ro-

„ ma

„ Productoras de Heroes ; que os Ale-

„ xandres ,

„ Cesares , e Pompeos podem vencer-se:

„ O ultimo Occaso , o Sul , d'Aurora as

„ plagas

„ Curvarão a cerviz do Norte ao Raio ,

„ E de Carlos o Nome a nuvem seja ,

„ Que aos mais Conquistadores cubra o

„ Nome.

Tremendo a Europa o vio , e vio com
pasma

Hum Rei mancebo para tudo ex-Homem,

Excepto para a gloria , aos pés calcando

Quanto de alliciador o Mundo encerra !

Quanto a seu rasto os demais Homens
cança !

Luxa , Prazer mas quem lançar os
ferros

Póde ao Sueco audaz , s'elle resiste ,
Tu , Konisgmark , o affirma , á Formo-
sura ! (1)

(1) Cette femme (la comtesse de Konisgmark) celebre dans le monde par son esprit , et par sa beauté , etoit plus capable qu' aucun Ministre de faire réussir les negociations. De plus , comme elle avoit des biens dans les Etats de Charles XII. , et qu'elle avoit été long temps à sa Cour , elle avoit un pretexte plausible d'aller trouver ce Prince. Elle vint donc au champ des Suedois en Lithuanie , et s' adressa d'abord au Comte Piper , qui lui promit trop legerement une audience de son Maître. La Comtesse parmi les perfections , qui la rendoit une des plus aimables personnes de l'Europe , avoit le talent singulier de parler les langues

Só lhe he greto aos ouvidos , só lhe apra-
zem

Clangoroso estridor de Marcias tubas ;

de plusieurs pays , qu'elle n'avoit jamais vu , avec autant de delicatesse que si elle y etoit née. Elle s'amusoit même quelques fois à faire des Vers Français , qu'on eut pris pour etre d'une personne née à Versailles. Elle en composa pour Charles XII. que l'histoire ne doit pas ommètre. Elle introduisoit les Dieux de la fable que tous louoient les différentes vertus de Charles : la piece finissoit ainsi. =

En fin chacun des Dieux discourant à sa gloire ,

*Le plaçoit par avance au Temple de Me-
n e ;*

Mais Ve nus , ni Bacchus n'en dirent pas un mot.

Tant d'esprit, et agrements etoient



Zunir de balas , brados de bombardas ,
Sangue a golfar , turbilhonando o fumo ,
Selvas de lanças , inesses de terçados ,
Desmembradas fileiras , rotas linhas ,
Eis o grato espectáculo , que encanta ,
Rouba os olhos do Heroe ! Retinir ouve

perdus auprès d'un homme tel que le Roi de Suede. Il refusa constamment de la voir. Elle prit le parti de se trouver sur son chemin dans les frequentes promenades qu'il faisoit à cheval ; effectivement elle le rencontra dans un chemin fort étroit ; elle descendit de carrosse dès qu'elle l'aperçut. Le Roy la salua sans lui dire un seul mot , tourna la bride de son cheval , et s'en retourna dans l'instant ; de sorte que la Comtesse de Konigsmark ne remporta de son voyage que la satisfaction de pouvoir croire que le Roy de Suede ne redoutoit qu'elle.

Voltaire.

Da victoria na voz , dos seus nos vivas
De invencivel o titulo inconstante ;
Corre insoffrido , e , sem que se recorde
Que da dita á desdita hum passo he meio,
Presume que na Russia a Persia encontra !

A Fortuna cançou ! e a Scena muda !
Vio em Pultavá Arbellas , mas não póde
Hum Dario encontrar ! profugo , errante ,

Ferido , quasi só , quem víra ha pouco
Pender de hum seu aceno regias sortes ,
De Barbaros nas mãos libra seu fado !
Evade a insultos da Nação proterva
Sem fé , sem lei , perfidias toda , immane :

Terna á Patria, mas como ? . . . Alegres
vivas ,

Ledas acclamações não lhe precedem
O rédito triumphal ! marchão na frente
Pejo , Desgosto , Lémures tyrannos,
E

Que incessantes o pungem , té que o
levão

Buscar a morte á frígida Noruega !
Avareza mesquinha , Luxo infrene ,
Fanatismo cruel , Ambição cega ,
Estes os quatro tormentosos ventos
Que da Existencia o Oceano acapellão :
Secundarios Tufões delles derivão ,
Que, as forças combinando, nos removem
Do porto da Ventura , e da Virtude ;
E, batidos das ondas dos Desgostos ,
Nossos Baixeis nas rochas espedação
Do Vicio , e da Desgraça ! Venturoso ,
Harpágo fôra se , girar deixando
Seus amplos cabedaes a bem do afflicto ,
Da Viuva , e do Orfão , Deos na terra
Conhecesse , que o ouro he meio á dita ,
Mas não adita o ouro ! fôra Alcipo
Se do Deboche , e Luxo distinguisse
Prazer , e Amor ! Esse que a Filha torna
Desgraçada , aos altares violentando-a ,

Virtuoso seria em não negallã
Ao sagrado Hymenêo , se percebesse ,
Que ao Ceo desprázem victimas for-
çadas !

Grande fôra Alexandre , e fôra Carlos
Se, em vez de hir devastar atheio Imperio,
A bem dos Póvos seus tão só lidassem !

Oh ! modêlo dos Reis ! Oh Pedro ! ...

Oh Nome (1)

Que ha-de acabar quando o Universo ex-
pire ,

Pejo a Alaricos , Attilas , e Ninos ;
Homens , ou Furias , que nutria o san-
gue ,

Que o terror proclamou , maldisse o
Mundo ,

E 2

(1) *Pedro Grande , Imperador , e Re-
generador da Russia , cujo Nome será ai-
mavel em quanto no Mundo houverem
verdadeiros Filósofos.*

Que delles inda pállido se lembra,
Qual de hum vulcão, que devorou Ci-
dades,

Diluvio assolador, contágio horrivel!
A ti curvo espontaneo! Heroe confesso,
Quem debella Nações em campo arma-
do,

Quem Nações funda, Semideos acclamo:
Quem do nada as arranca, e as sóbe á
gloria,

Que hei-de chamar? . . . : Fundar Nações
he muito,

Policiallas mais. Mil Alexandres,
Romulos mil ntimerarei sem custo;
Mas de hum throno descer, para vagante
E n'ardua piza de Sciencias, e Artes
Aprender a reinar, exemplo he este,
Que, em quanto as Gerações se reprodu-
zão,

Ha-de louvado ser, nunca imitado.
Tu o déste, ó Czar, teu distinctivo he
este.

Roto o véo da illusão , que a tantos cé-
ga ,

Sentir ousaste , que he mesquinha a gló-
ria

Se estrago universal foi della a base ;

Que nada montão palmas , nada os lou-
ros ,

Se os planta a Usurpação , e os rega o san-
gue.

Nada encontrando que emular nos Ho-
mens

Fez-se émulo dos Ceos teu genio altivo.

Corrigir intentaste a Natureza :

Como outr'ora de Jove a hum simples nu-
to

Do tenebroso cáhos emergíra

A creação esplendida , dess'arte

Soltaste a voz , e erguêrão-se os porten-
tos.

Do somno da barbarie o Russo acorda ,

E indignado ao fulgor , com que o des-
lumbra ,

Torce o rosto debalde , e as trévas busca.

Vendo ao longe raiar alma Sapiencia

A estúpida Ignorancia ulúla , e geme ;

Distende as longas azas côr da Noite ,

Foge em tardonho vôo ! Cahe do throno

Céga Superstição : tinto de sangue

O Fanatismo atroz morde-se em ferros ,

Arde , blasfema , e em ultimo consôlo

Das passadas ruínas se recrea.

Bons , ou máos seus costumes zela o vulgo ,

E facil os não despe , e o vulgo he monstro

Quando de seus estolidos furores

Malicia se aproveita ! Armão-se , intenção

Impias conjurações romper-te os planos :

Prudente os frustra ; os Strellitz dispersas ,

Humilnas os Bolards : por ti sustida

Omnivincente Industria acena , e as Artes

Vem do Tibre, do Séquana, do Thâmes
Dispor nas margens que tornea o Neva
Germes d'alto saber, gloria, e ventu-
ra.

De Risos, e Prazeres escoltada
Desce a Abundancia de Hyperbóreos ser-
ros.

Polida Urbanidade, Graças, Musas
Pasmão do Reino, que entre as neves
Jhe abtes.

Oppressa, desvalida n'outros Climas
He livre ao lado teu Philosophia.
Ella a norma te aponta, com que abra-
des

Intraçtavel character de teus Póvos.
Onde te voltas Monumentos surgem.
Folga o gélido Baltico attentando
Nos ignotos Eaixeis, em que tremolão
Teus pavilhões triunfantes! Junta as
ondas

Operoso Canal ao Don, e ao Volga.

Que de abraçar-se attónitos perguntão,
Quem fez tantos prodigios! . . . De jun-
cusa

Lagôa esteril Petersbourg assoma
Soberba Capital do novo Imperio.
No horizonte Moscowico passando
Vê o Sol do Paiz mudado o aspecto,
Pára, e julga, que errara o trilho an-
tigo!

Com olhos de ciume te contemplão
O Dano, o Prusso, o Austriaco, o Britan-
no.

Legislador, e Rei, Artista, e Chefe
Unes a taes braços os de hum Soldado.
Primeiro ao risco, e ultimo ao perigo,
Marchas a pé; e quando desce a noite
O gélo, a dura terra, a cavidade
De hum rochedo he teu leito! Nas der-
rotas

A vencer aprendendo, o lauro arrancas,
Que ao Guerreiro Suéco a fronte enrama.

Quem mais fóros levou da Gloria ao
Templo ?

Quem mores os levou ? Credor mais
que outro

De Tasso á tuba, e de Phylinto á lyra? (1)

Tu és o meu Heros , oh Pedro ! ... e
sendo

Na luminosa Estancia , que no Olympo

Os sublimes Espiritos habitão ,

Concedido escutar mortaes louvores ,

Ouve os louvores meus ; não são nasci-
dos

De hum peito escravo, que a lisonja ins-
pira ,

Mas de Mortal , que obscuro aos Reis ,
e aos Grandes

Não vende incenso , e o merito idolatra.

(1) O nosso grande *Lyrice Francisco Manoel de Nascimento*.

O PASSEIO.

POEMA.

CANTO SEGUNDO.

*Moi tranquille et content sous un dais de
verdure*

*Je jouis des beaux jours , et chante la
Nature.*

Mr. de Saint Lambert. Saisons. ch. 1.

POrém deixemos já , Lieutard , deixe-
mos

Assumpto tão severo , e os ledos olhos,
Eia , estandamos na rural pintura.

Comg a este lado as arvores frondosas
Entrelaçando os braços lá preparação

Sombra hospedeira ao lasso Caminhante!... (1)

Como discorre entre ellas claro arroio ,
Que daquelle rochedo além deriva ,
E , de manso que vai , á fantasia
Parece que do sitio namorado
Em seu murmúrio delle se despede !... ..
Conheces essa lapa , (que se afunda
Lá onde em limpa mesa elle se alonga ,
Em que s' espélha o Sol , pinta-se a Lua)
Que orna a hera trepante, e fôrta o musgo ?

Alli . . . , dia feliz , doce lembrança ,
Que ha-de a mente occupar-me em quanto eu viva !

(1) *Qua pinus ingens , albaque populus
Umbram hospitalem consociare amanti
Ramis , et obliquo laborat
Lympha fugax trepidare rivo.*

Horat. Lib. 2. Od. 3.

Franquilla te encontrei passando a scsta,
E , a teus pés arrojado , a vez primeira
O amante coração offereci-te ,
E vi n'hum riso precursor d'hum gosto
Sellar minha ventura ! inda ver creio
Em doce languidez correr teu braço
Em torno ao collo meu , e os róseos la-
bios

Esta meiga expressão do peito abrirem :
„ O teu amor me apraz , hês meu , sou
„ tua ! „

Qual fiquei , justos Ceos ! que fiz ! que
disse !

Morro ! resurjo ! de prazer de-
liro !

Tal em noite de horrisona tormenta ,
Entre brenhas perdido , envolto em sus-
tos ,

Caçador alagado , além dos montes
Vê disparando a mansa claridade ,
A linda Ninfa , que conduz o dia

Pelas cetúleas nuvens descobrindo
Aureas madeixas, rúbido semblante!

E inda ousamos queixar-nos dos desgostos,
Que affogão a existencia! inda dizemos
Morte a vida, se nella ha taes momentos!

Para perpetuar tão feliz dia
Dispuz junto da gruta aquelle Louro;
E na facil cortiça em cifra amante
Nossos Nomes gravei; crescendo vinga,
E os meus amores vingaráo com elle. (1)
Nessa vasta planicie agora attenta:

(1) *Certum est in Sylvis, interspelaa ferarum*

Male pati, tenerisque meos incidere amores

A boribus: crescent illa, crescetis amores!

Virg.

Que fértil luxo Ceres assoalha !
Vê em montes allí fulvas espigas
Derrubadas jazer ; e além , cobertos
De contente suor , os Segadores
Brandindo a curva fouce , em terra pro-
trão

Essas , que , inócuo mar , ao vento on-
dêão !

Não d'outra sorte a insaciavel Morte
Corta , sem distincção , humanas vidas ,
Jovenes lindos , enrugados Velhos ,
No throno os Reis , nas choças os Pas-
tores ,

E indistinctos os lança á sepultura
Perto , não delicada Aldeana bella
Quer inda mais enfeitiçar o Amante ;
Não usa enfeites vãos , nem falsas côres ,
Ou brando mover d'olhos refalsados ,
Como da Côrte as tûmidas Deidades ,
Porém brandindo a fouce , co' elle aposta
Quem primeiro verá o termo ao sulco :

C'os olhos nella o rustico Mancebo
N'alma se applaude de ficar vencido :
E, por que assim desfructe o rosto amado,
Brada-lhe ás vezes , que recolha espigas ,
Que espalhadas deixou ! ... Volve a Ser-
rana ,
E s espigas não vendo, a ástucia enten-
de ,
E farpão novo n'hum sorrir lh' encrava.
Além, daquelle Ulmeiro á basta som-
bra
Níveo Velho , Nestor destes contornos ?
S' encosta ao Filho , que a campestre a-
vena
Une ao labio , e singelos sons desfere ,
A que attenta a grosseira Juventude
Lasciva enlaça rápidas choréas. (1)

(1) *Camões usou de lasciva nesta mes-
ma significação , quando disse :*

Assim como a bonina , que cortada

Ora todos em chusma Jovens , Moças
Rápidos girão deslizando a terra ;
Ora extantes os mais , de grupo avança
Airoso par , qu' em destros equilíbrios
Exprime d'alma occultos sentimentos ;
De novo em chusma rodeando-os pu-
lão ,
E , de flóreas grinaldas os enlação :
São vivas , e palmas , gesto occulto
No coração do Velho se insinua ,
E crê de novo remoçar c' os moços
Lá dous membrudos , rusticos Athle-
tas
Nos braços nús s' enredão , lutão , ge-
mem ,
Forcejão , vergão : o suor em bagas

*Antes do tempo foi candida , e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da Menina , que a trouxe na capella.*

Luz. Cant. 3. Estanc. 134.

Lhe inunda as faces , lhe humedece as
grenhas :

Curvão joelhos : . . . pela pelle avultão
Tumidas veas , musculos pulantes.

Ouvés os gritos , os applausos ouves ,
Com que os accende a turba circumstan-
te ,

Que o brinco fadigoso escarnecendo ,
Estendidos na relva a taça emborcão
Do patrio vinho , que melhor lhes sabe ,
Que o çumo dessas vides , que opulen-
tão

Festeis margens do Rheno , e em ricas
mesas

Vem fervente espumar a peso de ouro ?
Assim tranquillo o Sabio mofa , e zomba
Do inrenrato , qu' estólido dá costas
A' ventura , que o chama , e vai ao
longe

Por mares , por sertões pizando abrolhos
Arrebentar no trilho ao seu Fantasma !

Attenta agora cá. Do myrtho á sem-
bra

Vê dormindo na morbida verdura
Linda Pastora , que huma Ninfa imita :
Em quanto , seu rebanho , se pendurão
De rocha em rocha trepadoras Cabras.
D'apos do myrtho eis surge manso , e
manso

Joven Pastor , e o dedo unindo ao labio
Risonho impõe silencio á companheira
Da adormecida Amante , á fronte ajusta
Linda capella de jasmins , e rosas !
Já de antemão gozando da surpresa ,
E curioso embaraço da formosa
Quando desperte , e co' a grinalda en-
contre.

Oh , divino Pintor da Natureza
Prestigioso Gesner meu doce enlevo! (1)

(1) He tão conhecido o merecimento
de Gesner , especialmente dos que tem al-

Oh ! tu , cujas Canções harmoniosas ,
Como o Sol beilas , gratas como as flores ,

Puras como a tua alma , quando as lia ,
Ou de huma fonte ao trémulo murmúrio ,

Ou á sombra de hum Plátano , ou de
hum Louro ,

Dos olhos doces lagrimas saltarão ,
E no sensível coração me erguião
Terna saudade ; ou co' a innocência , e
magoas

Dos nossos Pais primevos, ou c' o quadro

*gum conhecimento da lingua Tudesca ,
que me dispensa de faller delle com mais
extensão. Seu imitador Schimit , e o nos-
so Quitta são os unicos , que pela doçura
de seus Versos , delicadeza , e ar cam-
pestre de seus pensamentos me parecem
avizinhar-se a este grande modelo.*

Dos singelos costumes dos Pastores.

Vate immortal ! quanto mais ólho o campo ,

Mais em mim de teu Canto a estima augmenta !

Mãi do prazer , da liberdade filha ,
Doce Alegria , o campo he teu imperio !
Nelle dominas soberana amavel ,
Nunca odiada , e suspirada sempre.

Quando entre as Ninfas tuas , tropa linda ,

A Candura , a Innocencia , a Paz , a Incúria ,

E a , por desdita nossa , hoje tão rara ,
Santa Amizade , vens folgar nos prados ;
Debaixo de teus pés s' enflora a terra ,
Vestem as selvas galhardia ufana ,
E nas altas montanhas , fundas grutas ,
Onde Natura se mostrou medonha ,
O proprio Horror sorri ! doce Alegria ,
Qu' errados vão Satellites do Fausto ,

Que no motim te bustão das Gidades ,
Onde o mesmo prazer enoja , e cança !
Nesses brilhantes circulos de Amigos ,
Que hum momento ligou , solta hum
momento ,

Lá onde o coração fallar não ousa ,
E as vozes d'arte a atraíção s' esmerão !
Ou aos pés de bellezas petulantes ,
Qu' em premio de hum sorriso fementi-
do

De fracos corações latria exigem !
Ou pondo sobre hum dado os bens , e a
honra ,

Ou nos da corrupção dourados Templos ,
Onde o crime s' ensina , e aprende o cri-
me ,

Ditos Theatros ! que infernal malicia ,
Por que os Mortaes preverta , eleva aos
ares ;

Onde lasciva Actriz , sem pejo , ou
brio ,

Feito peçonha da belleza o nectar,
Cagando os corações c' o gesto, e os
olhos,

Sópra nos peitos devorante incendio,
Qu' ella facil depois abafa, e apaga
Pelo fulvo metal, por que se vende:
Onde, a cair quimericas desgraças
De fingidos Heroes, se affaz o ouvinte
A olhar como illusões reaes desditas,
O Orfão gemendo, o Velho ao desam-
paro! (1)

(1) Tenho ouvido alardear as mais belas cousas do mundo a respeito da efficacia, com que os Theatros (que os seus Apologistas chamão: Grande Eschola de Moral) conduzem os Homens á Virtude: de miim confesso, que não posso perceber como hum lugar, aonde se ajuntão pessoas de todo o sexo, condição, idade; onde jogão, commovendo o Espectador, as paixões mais violentas, e perigosas, onde desen-

Ouvi Mortaes a voz do Desengano ,
Illusões despojai , despi fantasmas :

*frendamente se faz a satira de Classes ,
e Nações , e de quando em quando sôão
alguns dictames da verdadeira Moral , pro-
nunciados por pessoas , que os deshonrão ,
e contradizem , passa produzir similhantes
resultados. Em quanto eu não vir Com-
panhias de Filósofos representando Dramas
inteiramente differentes dos que se tem
escrito desde Sophocles , e Aristophanes
até Voltaire , e Moliere , affirmarei , qua
o Theatro he hum passatempo se não dan-
noso , pelo menos indifferente , e tão fri-
volo como outros ; e aos que me quizerem
provar o contrario responderei com o eru-
dito Rei de Prussia :*

*Montrez moi, s'il se peut, un Mortel vicieux
Que votre Comedie ait rendu vertueux.
Non ; cet auguste emploi ne fut point son
partage ;*

A Alegria buscais ? . . . Nos campos mo-
ra ,

Aqui a encontrareis por entre as flores
Em singelo sorrir , singelo traje ,
Que os ardentes diamantes não apanhão,
Que dão peso , e valor , não graça , e
ornato.

A Ventura buscais ? . . . vinde , e nos
Campos ,
Se em fugir-vos s'esmera em toda a parte,

*Qui veut se corriger trouve un pénible ou-
vrage :*

*C'est le combat interne , et la réflexion
Qui nous font approcher de la perfection.
Oui, notre vrai bonheur, et notre recompense
C'est d'établir la paix dans notre conscience.
Schwærts de vos vains plaisirs ont ne doit
s'occuper ,*

Que lorsque du travail il faut se dissiper.

Le Roy de Prus. Epit. à Schevr.

Esponanea , e fagueira vos recebe.

Lá na Aurora do Mundo , quando a

Terra (1)

Em todo o seu vigor , sadia , e bella ,

Sem mares , sem despenhos , sem mon-
tanhas ,

Bafejada de eterna Primavera ,

Era dos Ceos ou émula , ou retrato ;

E a luminosa Ecliptica brilhava

No plano do Equador; quando inda igno-
tos

Erão roucos trovões , geadas chuvas ,

E da contínua vez de humido, e secco ,

Frio , e quente , leveza , e peso do Ether

Não derivavão invisiveis séttas

Ditas doenças , que nos corpos mettem]

Veneno destructor , que os mina , e es-
traga :

F

(1) *Vid. Thomaꝝ Bruntt , de Sac. telu-
ris Theor , Lib. et sec.*

Para pôr a corôa a seus portentos ,
O Deus de cujas mãos recém-cahira ,
Quer o Homem formar. Do vasto Olym-
po .

As portas de safira ei-las patentés ! . . .
Mil milhões de milhões de Anjos , bran-
dindo

Sóas por fachos , a passo magestoso ,
A estrada , que d'alvura o nome obteve ,
De hum lado , e d'outro luminosa bór-
dão :

Logo por entre as lucidas fileiras ,
Que desde a terra aos Ceos se distendião
De celestes clarins ao som divino ,
Marcha luzida Legião de Archanjos ,
De guerreiro donaire ; mais briosos
Não forão nesse dia de impiedade ,
Em que no fundo Barathro arrojárão
Satan com seus Satellites rebeldes :
Quando em guerra fervendo ethéreos
Campos ,

Montanhas, e montanhas disparadas
Por forças divinaes, pelo ar chocando,
As célestes abobadas tremião.

O fulgente esquadrão bizarros seguem
Quatro Archangjos de talhe de gigante,
Que sustinhão do Altissimo as bandeiras,
Onde fluctuão, dando-lhes o Nome,
Da Divindade os primos attributos
Omnipotencia, Compaixão, Justiça,
E Sempiternidade! Eis logo o Eterno
Invisivel co' a luz, a quem cortejão,
Co' as aureas plumas encobrendo o rosto
Por que o nimio fulgor suster não po-
dem,

Os Chefes das célestes Jerarquias,
Qu' em ordenados batalhões seguem
Todo o vulgo dos Anjos, entoando
O sacrosanto Hossana! „ Salve, dizem,
„ Deos vencedor, Deos forte, Deos
„ immenso,
„ Existente por Ti, por Ti ditoso,

F 2

5, Deos ineffavel , Deos incomprehensi-
vel !

6, Tres vezes Santo ! . . . Creador ! . . .

7, o Nada

8, Tu fecundas ! . . . e a Ti mal sóbejá

9, idéa

10, Nada acha tudo ! . . . ante teu Thro-

no augusto

11, Serafins, Querubins, Anjos, Archanjos

12, Na Sagrada Sião espavoridos : . . .

13, Cheios de tua magestade augusta

14, Curvos desferem no Alaude de ouro

15, Canticos de louvor , que vão d'envolta

16, Com o fumo do incenso ao Santuario

17, Agradecer-te a Bemaventurança ,

18, Qu' em Ti desfructão , que de Ti lhe

emana ! . . .

19, E a teu Nome as Tartáreas Potestades

20, Bramindo involuntarias genuflectem !

21, Salve ! . . . Eis a Terra . . . os Astros,

22, o Universo.

Que, Adonai se tem proximo, estreme-
cem,

E emmudecêrão ! . . . Chega o Deos , e
o Homem:

Ao seu bafô se anima ! e o Sabio Nume,
Que áventura o creava , no Eden sacro
Deo-lhe passar feliz tranquillos dias
Nos braços da Innocencia. Oh ! nunca
o crime:

Por mão da fraça Esposa o despenhára
No harathro espantoso da desgraça,
E os Netos seus, e os Netos de seus Net-
ros , (1).

Que de seu erro lidimos Herdeiros.
Tambem não partilharamos a pena.

Oh ! campo , oh ! campo ! meu amor
primeiro ,

(1) *Et Nati natorum, et qui nascuntur
ab illis.*

Virg.

**Se Lientard nunca vira! o amigo berço
A' Humanidade foste, e a seus prazeres,
Que nunca te deixarão! Natureza
A ti os corações está chamando:
Pelo instincto guiado o tenro infante,
Que marchar pôde apenas, como ufano
Folga em vasto jardim, e os Pais des-
lembra
Para a seu gosto s'entreter co' as flores!
Senhor de Roma, e Déspota do Mun-
do,
Mil louros sobre a fronte, e aferrolhado
Por suas proprias mãos da Guerra o Tem-
plo,
Entre as pompas, e os faustos, e entre
os vivas,
No throno universal, a que servião
De degrãos régias fronte debelladas,
Era Augusto feliz? ... não, por que o
fosse,
Despido o Rei, e retomando o Homem,**

Aos Campos vinha , e ao seio se arroja-
va

Da amisade singela , onde depunha
Do diadema os dourados dissabores,
Que incommodo lho volve! copo em
punho ,

O Monarca , e o Vassallo , á lauta me-
sa ,

Iguaes pelo prazer , se abandonavão
Ao gosto d' existir ; cingida a fronte
De myrtho , e rosas , no alaúde de ouro
Olhos fitos em Délia , desferia
Tibullo brandos versos namorados ,
E seu rival Propercio em tom mais bran-
do

Seus ardentes desejos expressava.
Eis vem Horacio , e n'arrojada Lyra
Canta o Valor , a Gloria , e Baccho , ●
Venus ;

E a todo o som moldando-se sem custo ;
Ora os ouvintes extasia , e pasma

Co' as proezas de Druso, ora os encanta
ta (1)

C' os feitiços de Lydia, ora maligno.
Mevios ferindo, e Menas, lhe dá riso.
Eis Pollião, e eis Varo, que presentão.
Régias desgraças em choroso estilo. (2)
E o Senhor das Nações não se corria
De seus Versos mostrar! mudecem todos
Virgilio ouvindo, que modesto emboca.
De Mecenas a roge, Epica Tuba;
De que era o Deos; e em nobre Canto
offrece

(1) *Vêja-se o mesmo Horacio. Liv. 4. Ode 4. Liv. 1. Ode 13. Epod. Ode 4. , e 10. etc.*

(2) *Célebres Poetas Romanos validos de Augusto, que alcançárão grandes applausos por algumas Tragedias, e outras Obras, que se perdêrão nos seculos da Ignorancia. Dellas fallão honrosamente Virgilio, Horacio, e Quintiliano, etc.*

Fúrias de Juno , e os empolados mares
Sulcando o Pio Heroe , que do abraçado
Ilion salvou por entre as labaredas
Os Penates , e o Pai ! depois mais bran-
do

Canta de Dido o caso lamentoso ,
E de novo troando em metro ardente
Expande o Inferno , pinta o grato Elysio ,
De Mesencio o furor , de Turno o es-
forço ,

E , morto elle , o fadado Imperio funda.
Calis , e attentos o escutão largo tem-
po ,

E rompendo depois em palmas , vivas ;
Como a Posteridade d'elle julgão.
Quadro assombroso , que huma vez só-
mente

O Universo adornou , da Lyra os Deoses
Sinceros a abraçar-se , e ora ha no Pindo
Só odio , e inveja , oh ! tempos ! oh !
costumes !

730 O PASTORIO.

**Oh ! que vida feliz nos campos vive
O tranquillo mortal ! ora empregado
Tão sómente em gozar , sem que lhe
importem**

**Origens , e progressos , pasce os olhos
No vistoso painel da Natureza.**

**O Sol nascendo , murmurando os rios ,
Cantando as aves , recendendo as flores ,
Gados a retouçar , tudo lhe off'rece
O prazer , o feitiço , o encanto , o gosto ,
A desejada paz , a idade de ouro ,
E hum ósculo libando á doce amada
Diz : ó Monarcas , não vos tenho inveja.**

**Outras vezes Philosopho curioso
Seguindo passo a passo a Natureza ,
Lê-lhe os arcanos , sonda-lhe os mys-
terios ,**

**Baixa ao centro da terra , onde se occul-
tão**

**Seus amplos arsenaes , vê como fórma
Os preciosos metaes , que por seu damno**

O Homem lá vai roubar : como susten-
tão

Esses Pyrophilacios assombrosos
Sulphúreo , negro fogo , que mil vezes ,
Quebrantando as prizões , abala a terra ,
Sorve altivas Cidades , e fallando
Por bocca dos Vulcões , aterra o Mundo :
Tu o assella Herculano , e cá mais perto
Nem pudeste evadirte a seus furores
Fundação de hum Heroe , de Heroes fo-
cunda ,
Patria minha Ulyssea ! ah ! que inda o
Têjo
Se arripia ao lembrar a pena, o lucto, (1)
Com que te vio ruir em fogo, em cinzas
Teus tristes filhos pállidos , trementes ,

(1) *Allusão ao espantoso terramoto de 1755 , que arruinou quasi toda Lisboa , sepultando debaixo de suas ruinas muitos dos seus desgraçados Habitantes.*

Fugindo aqui, e alli ; a Esposa, o Filho,
 A Filha , o Genitor, Anciãos, Meninos ,
 Huns esmagados , outros dos seus longe
 Vagando ao desamparo , e sempre a Mor-
 te

Presente aos olhos seus ! mas já de novo,
 De hum Heroe ao favor, surges mais bel-
 la. (r)

He assim do aromatico seu rôgo ,
 Qu' ella propria accendeo , que unica a
 Phenix

Resurge mais formosa d'entre as cinzas
 Onde a idade deixou , e aos astros vòa.
 Ainda não satisfeito , vê dos mares

(1) O Senhor Rei D. José Primeiro de
 saudosa memoria , que se immortalizou
 pela reedificação da Capital arruinada ,
 elevando-a á magestade em que hoje a ve-
 mos , pelo Ministerio do famoso Marquez
 de Pombal , etc.

Reservatorio immenso , ou vasto Império

Do liquido elemento , derivar-se
Essa agua productora , que da terra ,
Qual sangue corre as veas , e lhe inspira
Vida , e vigor ; e em fórmãs differentes
Vai solta em rios , em canaes vai preza ,
Encharca em lagos , pelos troncos trepa ,
Com as plantas rasteja ; e , despojando
Seu salgado sabor , ao Homem presta
A mais grata bebida , e mais precisa ,
Ou volvendo-se insipida , e maligna
Ao mesmo Homem motiva enjôo , ou
morte ;

E em vapores subtis subindo aos ares
Pela attracção do Sol cahindo á terra ,
Ou liquida , ou tornada em branca neve
Os montes cobre , ou fórma novos montes .

E , depois de longuissima carreira ,
Volve de novo ao mar donde sahira !

Ora no trilho de Scheinero, e de Herschel, (1)

De astro em astros vaguêa ; assombro,
e assombro

Alli se lhe presenta em giro eterno ;
E de prodigios tantos deslumbrado
Quasi da antiga Gente excusa o erro,
Que maior perfeição desconhecendo

(1) O Padre Christovão Scheiners, Jesuita, o primeiro, que em Maio de 1611, depois de duas mil observações, descobriu com toda a evidencia as maculas, e faculas, nascimento, occaso, periodos, figura, grandeza, situação, revoluções do Sol o que obrigou Descartes a dizer de *le: Nihil in hoc genere diligentius desidereri potest.* Bem conhecido he de todos Mr. Herschel, que a 13 de Maio de 1781 descobriu em Bath hum novo Planeta, a que chamárão *Urania, Cybele,* ou *Herschel* para gloria do descobridor.

Nesses brilhantes , magestosos globos
Deoses julgáão ver ! dest'arte o Homem
Té das obras do Eterno fez motivo
Para insultar o Eterno ! Em preferên-
cia (1)

Chamas sua atenção , Planeta augusto
Alma fonte de Luz , Sol refulgente

(1) *Il nous semble pour-tant bien in-
fortuné l'Astronome qui passe les nuits
à lire dans les Astres , sans y decouvrir
le nom de Dieu quoi ! dans des figures si
variées , dans une si grande diversité de
caracteres , on ne peut trouver de lettres
qui suffisent à son nom : le probleme de
la Divinité n'est il point resolu dans les
calculs misterieux de tant de Soleils : une
Algebre aussi brillante ne peut elle servir
à degager la grande inconnue :*

Chateaubriand , Genie du Christianis-
me. T. 1. L. 4. C. 4.

Que os varios mundos , de que o Reí
pareces ,

(Inda que o disco lúcido te affrontem
Cérulas manchas , faculas brilhantes.)

Attrahes em torno a ti, e em giro volves,

Sem que lhes valha auctoridade antiga

D' Estoicos , Pythagóricos , Platonios.

Lá vê desvanecer , qual leve fumo

De crespá viração ao riço assopro ,

Todo o montão de hypotheses insanas ,

Que huma alma racional te attribuirão ,

(1)

(1) Não só ao Sol , mas a todos os
Astros attribuiu Origenes huma alma ra-
cional: erro , que foi condemnado no se-
gundo Synodo Constantinopolitano. Os Es-
toicos , Platónicos , Pythagoricos lhe derão
a vegetativa , ou sensitiva , opinião que
seguirão Simplicio , Avicena , Phylator , e
outros.

En général les Anciens croyent que

Ao menos vegetante , ou sensitiva ,

tout ce qui se meut de lui-même , et d'une manière réglée , participe bien sûrement à-la Divinité ; que le principe intérieur par le quel il se meut , est non seulement increé , mais encore exempt de toute alteration. Cela supposé , on voit que dans la pensée où étoient les Anciens , que les Astres se mouvoient d'eux-mêmes , ils devoient nécessairement les regarder comme les Auteurs , et les conservateurs de tout l'Univers. C'est en partie sur un semblable raisonnement que Platon fonde sa démonstration de l'immortalité de l'ame. Elle est plus ancienne , que le corps , disoit-il , elle lui est supérieure , puis qu'elle le voit naître , et se former insensiblement , acquérir toute sa perfection , décroître enfin. Elle exerce une sorte d'autorité sur tous les objets , qui l'environnent , elle les appelle , les renvoie , les fait succéder les uns aux autres , les confond , et les anéantit quand elle veut.

Apenas sendo nítido Oceano

Quoiqu'il en soit de cette espece de demonstration , dont on se moqueroit justement aujourd'hui , je dirai que plusieurs personnes tres instruites dans les langues Orientales , conviennent que toute l'Asie n'adore sous divers noms , que les memes Deités , c'est à dire , les Astres. Elles ajoutent que ces divers noms , en remontant à leurs racines signifient la promptitude , la vitesse , se hater , aller toujours ; ce qui donne l'Intelligence , d'un grand nombre de cérémonies , et de pratiques de Religion qui étoient observées par les Orientaux ; comme de faire des pelerinages , de danser en rond autour des Statues de leurs Dieux , de les elever sur de chars de triomphe , et de trainer ces chars de Village en Village ; en fin de se bâtir des demeures au sommet des montagnes les plus escarpées. Au reste c'étoient le Soleil et la Lune , qui par leur éclat , et leur lu-

De purissimo fogo. D'alli desce , (1)

miere se rendoient dignes des principaux hommages dont le peuple superstitieux honorait les Astres. Le Soleil se nommait le Roi, le Maître, et le Souverain; et la Lune la Reine, et la Princesse du Ciel; Tous les autres Globes lumineux passaient au pour leurs Sujets, ou pour leurs Conseillers, ou pour leurs Gardes, ou pour leur Armée.

**Histoire Critique de la Philosophie par
Mr. Deslandes. Tom. 1.**

(1) *Muitos Philosophos antigos, e modernos, como Sento, Demócrito, Pithágoras, Platão, e o Padre Kirkerio no 1. Livro = Artis magna lucis et umbra, tem as-
sentado, que o Sol he hum fogo purissi-
mo, e mais limpo, que o terrestre, com
alguma materia etherogênea, que al-
gumas vezes fórma humas como navens.*

Com Reaumur, com Linnêo vem ver nos
prados (1)

Ténue insecto, huma planta não lh' es-
capa,

Indaga, decompõe, de novo indaga,

Tão grande achando o Artifice Supre-
mo,

Em crear toda a máquina do Mundo,

Como no Verme, que entre o pó se per-
de!

Quantas vezes na planta mais formosa

O veneno elle encontra, á semelhança

Das nossas fermosuras, que recatão

Em rostos de Anjos, corações de Fu-
rias!

Oh quem pudéra, os Mares devassando,

Hir thesouros buscar, medida Flora,

Que ao fundo equóreo prodiga repartes,

(1) *Reaumur, e Linnêo illustres Natu-
ralistas.*

Onde o coral talvez seja o somenos? ...
Pois se mostrasse o Mar sua opulencia
Corrêra-se talvez de pobre a Terra.
Mas se impossivel he (por ora ao me-
nos)

Meu emprego sereis, meu doce emprego
Riso da Natureza oh! gratas Flores!
Nascendo o Sol comvosco ha-de encon-
trar-me,

Comvosco o Sol me deixará morrendo!
Oh! que cadea immensa de prodigios
Vossa ephémèra vida! o olfato aquella;
Os olhos esta encanta, e tudo estoutra!
Huma tímida esconde-se entre a relva,
Outra ufana de si, de trepar folga;
Tal ha, que ao Sol definha, murcha,
morre,

Tal, que jazera languida co' a noite,
Ao sentillo s' empina, e lhe abre ao beijo
Seu calix multicolor, arremedando
Desconsolada, saudosa Amante

Mal que subito fica o rosto amado.

Em vós dos Ceos a còr , e a còr dos mares ,

Brilha a purpura em vós , rutila o ouro ;

Mande Arabia olorosa os seus perfumes ,

E apart dos vossos ficarão sem preço :

Em vós impera Amor como entre os Homens

Tubos , ovarios , pétalos , estamés

Se abração co' a ternura , ao prazer servem ;

Em vós impera Amor, porém sem crime,

E entre nós quasi sempre o socio he d'elle.

Vós prégaes mudamente ao louco humano

A curta duração dos bens da vida ;

Vós prendeis todo o sexo , toda a idade ,

Nem a Religião desdenha , ó Flores ,

Que no Altar lhe adorneis a torva frente !

Assim me apraz, e m'interessa o Campo,

Me divorte, me instrue; assim de Plinio (1)

(1) *Ridebis, et licet rideas. Ego, ille, quem nosti, apros tres, et quidem pulcherrimos cepi. Ipse inquis: Ipse: non tamen ut omnino ab inertia mea a quiete discederem. Ad retia sedebam: erant in proximo, non venabulum aut lancea, sed stylus, et pugillares. Meditabar aliquid, enotabamque, ut si manus vacuas, plenas tamen ceras reportarem. Non est quod contemnas hoc studendi generi, mirum est ne animus hac agitatione, motuque corporis excitetur. Iam undique selva, et solitudo ipsum que illud silentium, quod venationi datur, magna cogitationis incitamenta sunt. Pro inde cum venabere, timebit auctore me ut panarium, et langunculam, sic etiam pulligares feras. Experieris non Dianam magis montibus, quam Minervam innerrare. Vale.*

Plinius Junior, Epist. ad Tacetum.

Prendia o coração , quando sentado
A' branda aragem , que abalava os bos-
ques ,

Cheia a mente de altívolas idéas ,
Colhia alegre da eloquencia os favos ,
Confessando que os montes , e as flores-
tas

Seguem de igual amor Délia , e Mi-
nerva.

E se a mysteriosa Antiguidade
Rios , outeiros , selvas , prados , fontes
De Nynfas povôou , foi figurar-nos
Os prazeres , que ao Sábio offerta o Cam-
po.

Oh ! Manes de Catão , de Cincinna-
to (1)

(1) *Lucius Quinctius Cincinnatus filium
Kæsonem petulantissimum abdicavit , qui
et a Censoribus notatus , ad Volscos , et
Sabines confugit , qui , duce Clælio Grac-*

Que he dos augustos respeitaveis tempos
 Da Romana virtude , quando ao meio
 Dos trabalhos ruraes mandava Roma
 A Toga Consular aos seus Patricios ? ...
 E as mesmas mãos , que válidas curvárao
 As cervizes de tûmidos Tyrannos .

G

*elo bellum adversum Romanos gerebant et
 Q. Minucium Consulem in Algido monte
 cum exercitu obsidebant. Quinctius Dicta-
 tor dictus , ad quem missi legati ; nudum
 eum arantem trans Tiberim offenderunt : qui
 insignibus sumptis Consulem obsidio libe-
 ravit. Quare et a Minucio , et ejus exer-
 citu obsidionali corona donatus est. Viciq
 hosteis : Ducem eorum in deditionem ac-
 cepit , et triumphi die ante currum egit ;
 sexto decimo die , Dictaturam , quam ac-
 ceperat , deposuit , et ad Agriculturam
 reversus est.*

Aurel. Victor,

Ledas volvião a amannhar seus Campos,
 Folgando a terra ao vómere laureado (1)
 E triumphal Lavrador! Ditosos tempos,
 Que de Roma voárão co' a virtude!

Subamos essa encosta variegada
 De musgoso tapiz; da vista o lume
 Lança á direita; que pomposa scena!...
 Que alegre variedade, que, sem fructo,
 Engenhoso pincel verter tentava!...
 D'aqui, d'alli, além branqueja o Téjo,
 Coberto de mil flamulas, mil vélas,
 Que vão, que vem, que amainão, que
 atravessão,
 E de hum bosque de Náos, que o Rio
 escondem,

Que apenas balouçando as mansas aguas,
 Parece que s' está revendo, e ufana

(1) *Gaudente terra, vomere laureato,
 et triumphali aratori.*

Cot' as homenagens do Universo inteiro ! . . .

Salve rival do Tibre , aos Ceos acceito

Oh Padre Téjo , vezes mil te salvo

Que Rios poderão riqueza , e gloria

Comtigo disputar gloria , e riqueza.

Que a ti não cedão , a inclinar-se humil-
des ?

Em margens de ouro teus crystaes es-
praião-se , (1)

G 2

(1) As pessoas , que prezão mais a har-
monia ordinaria dos Versos , que a imita-
tiva , podem ler este Verso desta maneira :

Espraias-teos crystaes por margens de ouro.

Como não sou Arcade não excommu-
guei inda os Esdrúxulos , e os Agudos ,
quando delles posso servir-me com vanta-
gem.

**Regas de Hespanha a flor , teu gentil
clima**

**Que alimpa , e lava viração celeste ,
Só Heroes justos , Sábios só produz :
Teus bravos Filhos , sem temor rompen-
do**

**Por Euros por tormentas , invias costas ,
Ao Mundo descobrirão novos Mundos ,
Onde levárão , não grilhões pezados ,
Não ferro , e fogo , roubos , sacrilegios ,
Maniatando a alheia Liberdade ,
Ou surprehendo a fé dos Reis , dos
Povos ;**

**Mas o gentil congraçador das Plagas ,
Fautor da paz , da industria , dos praze-
res ,**

**Verdadeira opulencia , o aureo Commer-
cio ;**

**Mas costumes , e leis , artes , cultura ,
Humanizando barbaros Selvagens ,
E de brutos subindo-os ao gráo d'Ho-
mens !**

Só empregando esforço , e braço , e ferro
 Na fraude , e no perjúrio , em justa pena.
 Oh ! constante Cochim , tu , que em
 Páheco (1)

De nosso esforço bélico observaste ,
 É de nossa lealdade clara próva ,
 Entre milhões de feitos nunca feitos ;
 Tropas do Camorim , que alli fugistes ,
 Ou rendestes a vida á Lusa espada ;
 Oh muros de Chaul , Malaca , e Diu ,
 Vivos padrões da gloria Portugueza ,
 Todos testemunhai coragem nossa ,
 E os dólos , e as traições pagos a sangue
 Do Indio , e Mouro , qu'inda a olhar-
 vos tremem !

(1) *Vejão-se sobre as maravilhosas proezas dos Heroes Portuguezes os nossos Escriptores , em especial Barros , Couto , Castanheda , Osorio de rebus Emanuelis , Damião de Gões , etc.*

Mas antes que luzissem Gamas , Cas-
tros ,

Pachecos , Mascarenhas , Albuquerque ,
Que multidão de Heroes te honrara ó
Téjo !

Affonsos , e Monizes , Nunos , Freitas ,
Sanços , Joões , Menezes , Sousas , Sil-
vas ,

„ E outros em quem poder não teve a
Morte ,

Que os seus lares valentes defendêrão ,
Ou té ao centro d'Africa levárão

Dura guerra aos desse Arabe , que astu-
to , (1)

Pelo Mundo espalhou Deos , e Lei nova.

Mas que procella horrisona bramindo
Sobre ti desfechou !... preságios tris-
tes , (2)

(1) *Mafoma.*

(2) *Fallo da traidora , e lamentosa ir-*

Phenómenos tremendos a annunciação,
Sanguinoso Cometa arde na esphera,
De intensas chammas escaldando a terra;
Morre a flor, morre a planta, estanca a
fonte,

Em vão busca o Pastor a si, ao gado
Puro remanso onde deponhia a sede,
Placida sombra, que ao suão o esquivae;
Hum Favónio, hum só Zéfiro não bole,

*rupção dos Francezes em nosso Paiz, cuja
ferida inda está sangrando, e que me
libenta de demorar-me sobre hum facto
que tanto retalha a alma dos bons Cida-
dãos. Quanto ao mais estou muito arreda-
do de julgar, que o Cometa, e o grande
Tremor de Terra, que experimentamos em
Lisboa, já instantes aquelles calamitosos
tempos, fossem hum annuncio da nossa
desgraça; mas ninguem ignora, que o Poe-
ta deve lançar mão de quanto possa dar
luz tem mais angusto aos seus Versos, etc.*

Crestão vapores túmidos os ares ;
 A terra em convulsões subito abala
 Da soberba Ulyssea os fundamentos :
 He fama , que á mesma hora então mar-
 charão

A demandalla as pérfidas Phalanges ,
 Com que o Senna, a justiça atropelando,
 Te inunda , oh Téjo , as fertiles Cam-
 pinas ! . . . (1)
 Desfazendo-se os Ceos em chuva espessa,
 (Qual se chorára os males , que te im-
 pendem)

(1) *Como se tem já reparado neste plu-
 ral, de que uso, dar-lhe hei huma aucto-
 ridade.*

*Lembrança tem daquelle tempo antigo
 Em que se virão no mais alto cume
 De gloria , que jámais Africa ganha
 Gozando os Campos fertiles de Hespanha.*

Mousinho. Affons. Afric. Cant. 7.

Na Capital infausta entra a Cohorte
De almas podres no charco da impiedade;
Em risonho semblante palliando
'Tyranna usurpação co' a voz de Amigos!
Quantos crimes , e horror em Furias ca-
bem

Os sanguinários Tigres alardeão
Sobre a Nação , que amiga os hospedá-
ra ,

Encostada na fé que enlaça os Póvos,
Teus sacros Estandartes, que outro tem-
po

Vio Europa em respeito , Africa em sus-
to ,

A quem Asia , e America curvárão ,
Vão já de roxo; e surge em lugar delles.

A Aguia sanguinolenta, o bico , as gar-
ras

Carregadas do espólio do Universo!

O Rei , Filho de Reis , gloria de Ly-
sia

Pela voz da insolencia he já proscripto

(1)

Oh ! attentado ! ... oh ! crime ! ... As
mãos vertido

De impios algozes sangue da innocencia
Espirra ao pedestal da Estatua Augus-
ta (2)

Do maior dos Reis nossos ! do segundo
Fundador de Ulyssea ! em toda a idade
Sendo a Estatua de hum Rei sagrado a-
brigo !

(1) Pelo insolente Edicto , em que se
deu por extincta a Casa de Bragança em
Portugal. Veja-se a Collec. dos Docum. do
intruzo Governo , impressa em Lisboa.

(2) Hum pobre Louco , que a barbari-
dade , e a insolencia atebuzarão , sem al-
guma fórmula de justiça , na Praça do
Commercio , junto da Estatua do Senkor
Rei D. José I. cujo pedestal ainda ficou
lascado das ballas.

E nossos Redemptores, nossos Deuses
Ousão dizer-se os monstros, e algemam
nos ! . . .

Movia ao riso, a indignação movia
Ver escravos prégando liberdade
Entre as bayonnetas, os canhões, e os
sabres
A hum Povo livre, a cujo throno augus-
to

Rei não subio sem sua livre escolha ! . . .

Aras a desvestir dos móveis sacros,
E de virgíneo sangue enxovalhados,
Com sacrilego pé . . . que horror ! . . .
pisando (1)

Bustos do próprio Deos, sem pejo ousa-
rem

(1) *Horret ad hac animus, manifesta quo
gaudia differt;
Dum stupet.*

Glaud. de Bello Gildonico.

Inculcar Religião , e Humanidade
 A hum Imperio fiel , que desde a origem
 Guardou pura a virtude , illeso o culto !
 Impios , que mais que o Mundo os Ceos
 insultão.

Lusos ! vim do remoto Senna ao Té-
 jo

De pugnar , de vencer dar-vos o ex-
 emplo ! (1)

Mas o Mestre Campeão , que assim bla-
 zona ,

Ao primeiro combate as armas rende. (2)

(1) Assim fallava a huma Nação brio-
 sa o infame Junat. Veja-se a Collec. as-
 sima apontada.

(2) E o Campeador , que a dar lições se
 afouta

De brigar , e vencer em Lysia douta
 Mal armas mede , enfia , titubea
 A' primeira lição d'esgrima olhea,
 Santos e Silva.

Oh ! com que voz exaltarei teu Nome,
Generosa Britannia , Ilha ditosa ,
Que tens por baluartes o Oceano ! . . .
Tu , que á cruenta rápida torrente ,
Qu' Europa desolou , puzeste hum di-
que ,

Apesar da fortuna, ou leda, ou triste ! . . .
Qual robusto Carvalho , que no excelso
Dos limitrofes Alpes , onde a neve
Em véllos chove , vitrifica em rochas ,
Só elle hum bosque , venerando altêa ,
Co' a raiz toca o Orco, os Ceos c' o tope,
Vio proezas de Tell. , zombou dos Evos :
De violento encontrão , de horrendo em-
bate

Tenta arrancallo, sibilando Bóreas,
Co' a cohorte atrocissima dos Ventos ,
Qu' escaparão d'Eolia ás negras furnas
Avante , apos , ao alto , urrando inves-
tem. ;

Forças empenhão , que aluirão Torres ,

Elle inclina-se sim , porém não cede ã
E o , que em susto o contempla , hirsu-
to Helvecio ,
Crê que as forças lhe dobra a imiga for-
ça.

Generosa Nação ! de Lysia oppressa
Alliada fiel vòas no auxílio.
Teus boiantes castellos alastrando
Serras de vagas , que de susto acurvão ,
Annas lhe trazem , trazem-lhe Soldados,
Que unidos aos de Luso, audazes varrem
As Legiões Gallo-Corsas, que a vexavão:
Espira o Despotismo aberto a golpes ,
E de novo a fugida liberdade
Em teus campos , oh Téjo, as azas fecha.

Mas que monta que o ferro córte os
ramos

Do venenoso arbusto , se , escondida
A nociva raiz na fértil terra ,
Pullulando de novo estende , e copa
Com mór força as maléficas vergontas ,

Morte ao nescio Pastor, e á rez incauta?

Mal decepára o Lidador Thebano

Da Hydra Lernéa os rebrotantes collos

Se, a seu lado Joláo c' o facho acceso,

Não lhe matára a fecundez nos golpes?

Pouco Fábio moroso, e o bom Marcello

Fizerão rebatendo ao Peno os brios:

De mór genio Scipião, c' o raio em punho,

Vai remir em Carthago Italia, e Roma.

Sus pois, oh claro Téjo, vão teus Filhos

Novos lauros colher do Senna ás margens,

Marche co' elles o indómito Britanno,

E o Ibero marcial. Embora durmão

Nos braços da Indolencia, e da Ignominia (1)

(1) *Povo feliz, que resgatas-te os foros
Da liberdade a tantos desvestida,
Sê vós sois Homens; sim, que os mais,
quaes brutos,*

Póvos do Norte , estúpidos á glória .
De Suecia , e de Albião . Embora oscúle,
Curvo o joelho , a dura mão que a esma-
ga ,

Ausonia já fallida da honra antiga :
E o mimoso paiz , que fôra outr'ora
Da heroica liberdade a séde , a Patria
Hoje pejo a Camillos , Décios ,
Brutos ,

Régulos , e Catões , roje volvido
Stábulo vil d'escravos sem arbitrio.

Vós briosas Legiões de jovens Martes ,
Varios em lingua , em sentimento os
mesmos ,

*Enfreados por mão do Despotismo ,
De tantas Leis dolosas , e oppressivas
Sentem nas curvas , fustigadas costas
Do açoite despiedado os vergões roxos
Por mãos imperiosas sacudidos.*

Francisco Manoel.

Emulos no valor , hido animosos
 Sanguenta Usurpação , que opprime o
 Mundo ,

Atacar em seu proprio Capitolio : (1)
 Cubrão baixeis o mar , Homens a terra,
 Mudos co' elles tremendo terras, mares ;
 Vão diante de vós Vingança , e Morte ,
 Que o Terror, e os Estragos acompanhão;
 Monta a Victoria no falcado coche
 E a seguir-vos se alesta ! . . . sangue a
 rios

Por Cidades ondea , Montes, Campos;

(1) *L'Etat fait affronter les perils , et la
 guerre ,*

*Qui sauve sa Patrie est un Dieu sur la terre;
 Par le puissant effort d'un esprit vertueux
 Il perd pour ses parents le jour , qu'il reçoit
 d'eux.*

Le Roy de Prus. Epit. à Stil sur l'em-
 ploi du courage.

A Tyrannia espira , e prisioneiras
Vem já da Gallia as Virgens , e as Ma-
tronas ,
Nossas Filhas servir , nossas Esposas ;
Desfaz-se a escuridão , que assombra o
Orbe ,
Novas estrellas no horizonte assomão ,
A Liberdade , e a Paz ! qual nos figurão
Do cáthos tenebroso o Sol surgindo ,
Ou visitando o justo em carcer negro
Anjo consolador , que dos Ceos desce
De fogo o manto , a túnica de alvura ;
E a Razão do Universo empunha o Sce-
ptro !
Eu que talvez , magnanimos Guerrei-
ros ,
Correr hirei convosco os Campos d'Hon-
ra ,
Disparando o fuzil , brandindo a lança ,
Se meus dias as Parcas prolongarem ,
A' doce sombra então dos pátrios myr-
thos

Na Lyra, que Calliope me afine,
 Em metro augusto cantarei batalhas,
 Muros aluidos, quedas de Tyrannos,
 Thronos a Reis legitimos volvidos,
 Rasgos d'alto Heroismo, e gentilezas
 De que fui parte alguma: possa, oh Téjo,

Ser o meu Canto do teu curso imagem;
 Sereno, mas sem languida molleza;
 Cheio, sem transbordar; forte, sem fú-
 ria. (1)

Mas do Sol os flamivomos Ethontes,
 Cobertos d'alva espuma, e fatigados

(1) *Oh! could I flow like thee, and make
 thy stream*

*My great example, as it is my theme;
 Tho deep yet clear, tho gentle yet not dull
 Strong, without rage; without effort flowing
 full.*

Denham's, Cooper's hill.

Do comprido girar, o passo abrandão ,
E manso , e manso , pelo mar s' escondem.

Pelo accesso horisonte assoma ao longe
O mimoso Crepúsculo da tarde ,
Roupas trajando azues borbadas de ouro
Vem na esphera ostentar seu curto imperio ;

Zéfiros brandos, placidos Favónios
Em torno ao seu Monarca adejão , vôão ;
La deixa o valle balador rebanho
De mansas Oves , que n'alvura excedem
Neves septentrionaes : daqui parece
Hum longo mar, que empóla , e que
toldarão.

Os ventos a bramar de fofa espuma :
De boninas ornada o seio , e as tranças
A candida Serrana as acompanha ,
E rindo escuta do Amador Vaqueiro
Toscas finezas , naturaes requiebros.

Tudo larga do Campo , e tudo busca.

De seu alvergue o asylo ; ao nosso alver-
gue

Vamos tambem Lieutard ; teus mestres
dedos

Extrahindo o matiz dos sons do Cravo ,
De Marcos , e Hasse as arias portentosas.
Co'a voz divina tornarás mais bellas :
Eu doudo de prazer de ouvir teu canto,
Sobre teu hombro repousada a fronte,
Do Mundo , e de mim proprio hei-de es-
quecer-me.

Oh ! quanto he doce hum magico sorriso
Ver adejar nas rosas de teus labios ! . . .
Como ardo , e me transporto se em mim
fitas

Olhos , onde ternura Amor fuzila ! . . .
Não te posso render grandezas , sceptros,
Mas tenho hum coração , em que domi-
nas,

Pequeno Impetio sim , mas sem rebel-
des ,

Branda cithara as Musas me temperão ;
Hei-de teu Nome eternisar com ella.

• Mas que novo espectáculo nos olhos
De subito nos dá! ... Da Aldea o Tem-
plo ,

Subindo aos ares co' as idosas Torres :
O Adro soturno , que de roda cercão
Tumulos toscos , funeraes Cyprestes ,
Talvez plantados pela mão devota
Do Fundador da Igreja , que hñ repousa
Sem inscripção , que hum ai lhe lucre
ás cinzas ;

A branda viração , que abana os ramos ,
Que o reflexo pathético da Lua
Deixa passar a custo , onde se acosta
O Mocho infesto , lúgubre piando ,
Doce melancolia acórdão n'alma!

Potém teu braço tremulo , e teu rosto
Para a terra apontado assaz me inculca
Que a solidão , e o sitio te apavorão! ...
Oh ! não temas , meu Bem ! ... na se-
pultura

Não se aninha a maldade : nunca os mortos

Guerra aos vivos fizeram : paz constante
Tem alli seu imperio : alli não são

Sussurros venenosos da calúmnia :

Nem se afia o punhal , que beba sangue
Do atraído amigo , antes aquelles ,
Qu' em odio nesta vida deliravão

Lá misturão seu pó , se abração na urna ,

A Morte , que figurão tão medonha ,

Tão fêra , tão cruel , he branda amiga ,

He redempção ao misero , que soffre ,

Ao Varão justo oppresso , ou mal puni-
do ,

He como o porto apos a tempestade !

Hum sereno Catão sem susto a invoca ,

Livre em seus braços , Cesares insulta.

A seu bafo Pacheco em pobre leito-(1)

(1) O valerosissimo Duarte Pacheco ,
tão celebre na Historia da India pela de-

Despe a miseria, ingratos Reis absolva
Outr'ourã, como a ti, negras idéas,
Que na infancia bebi, me figuravão
Na Morte o maior mal; não me animava
Hum epitháfio a ler; estremecia
Ao som pezado dos funéreas Psalmos;

feza de Cochim, e outras gentilezas marciaes, que chegam a parecer incríveis. Mas apesar de tamanhos méritos morreo desgraçadamente n'hum Hospital, o que obrigou ao nosso Camões a exclamar:

*Isto fazem os Reis, quando, embebidos
N'hum apparença branda, que os contenta,
Dão os premios de Ajace merecidos
A' lingua vãa de Ulysses fraudulenta?
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem só doces sombras apresenta
Se não os dão a sabios Cavalleiros
Dão-nos logo a avarentos Lisongeiros.*

Lusiad. Cant. 10. Estanc. 24.

Mas afinal do Tamisa o sério Vate (1)
 Minha illusão desfez, co' elle na vida
 Olhei males reaes, affiz-me ás trevas,
 Pago-me de seismur entre os sepulchros.
 A muda solidão, e o Pavor santo

H

(1) Young. Si je ne me trompe bien ;
 la lecture de Young est plus consolante ,
 qu'elle n'est capable d'aigrir , est en hon-
 reux : on jouit en le lisant de l'espece de
 plaisir que sentait a spectateur tranquille
 d'un naufrage , dont parle Lucrèce , est
 en heuroux : Young est un ami , qui vous
 entretient des vôtres douleurs et vous goute
 a le lire la douceur qu'on éprouve a
 s'entendre plaindre. Tant qu'il y aura des
 infortunes dans la vie , des abus dans le
 gouvernement , des injustices dans les so-
 ciétés , on n'aura point à se repentir d'a-
 voir quelques fois revê tristement avec
 cet Anglais melancolique.

Mr. le Tourneur,

Fundas meditações me assumão n'álma;

(1)

O'ho-rasteira Campa, envolta em musgo

Digo commigo: — Aqui talvez repousa

Algun novo Camões! , . . . outro Bocad

ge! . . .

Hum que levasse Heroes a estranho Muns

do

Por mares nunca d'antes navegados. (2)

(1) O uso dos Verbos neutros com accusativo, tem (fóra dos nossos bons Es-criptores modernos) a auctoridade dos nossos antigos: darei hum exemplo do elegante Gabriel Pereira.

, Sake Lysio, que de Jupiter se préza

Ser claro, conhecido descendente,

Da Ninfa Dato, cuja grão belleza

Desce do Olympo Jupiter potente.

Ulisses Cant. 2. St. 153

(2) Verso de Camões. Lus. Cant. 1. St. 1.

Outro que estemporaneò aos Ceos voasse
 Sobre versos de fogo ! . . . abandonou-os
 A sciencia, a Fortuna ! . . . em flor mur-
 charão ! . . .

Vou mais avanté ; os restos talvez pizo
 De hum Nuno sustedor de sólio incer-
 to ! . . .

Mas talvez junto d'elle em paz descança
 Hum Mafoma impostor ! . . . talvez se
 enisse

A'quelle casco hum monstro , que espe-
 rava

Para a terra ensopar em sangue humano,
 Que huma Nação maniaca , de novo
 Degolasse seu Rei ! ambos a Parca
 Immaturos ceifou a bem do Mundo !

Mais ao longe imagino , que a Verdade
 de

Me aponta hum mausoleo , me diz : Hu-
 manos

Aqui se acaba tudo ! ruem , molrem

H 2

Imperios, Gerações, e Monumentos! (1).

Foi sábia hum tempo a Capital do Mundo,

Pobre Aldéa sem nome he hoje Athenas.

Escrava bruta de Senhor mais bruto:

Onde Sophia reinou, onde a Virtude

A Inércia, o Barbarismo despotizão! .

Que he da torrente de Mostaes Selva-gens

Barbaros como as feras de seus montes,

(1) *Giace l'alta Carthago: a pena i signi
De l'alte sue ruine il lido uerta;*

Moionno le Citta, moionno i Regni

Cobri i fausti, e le pompe arena et erba i

Tass. Geriss. lib. cap. 15. st. 20.

Voras el Tiempo con la diestra ayrada

No ay imperio mortal, que non consuma.

Lop. de Veg. Carp.

Que o Romano Colosso derrubáráo ?

O nada ns deo, ao nada outra vez fe-
rão.

D'Epheso o Templo hum louco o pôz
em cinza. (1)

E a Morte estranha o Homem ! ... Não
querida,

Eu não a estrenharei ! ... d'ha muito
afeito

A contemplalla estou ! ... sei, que ou-
tro em breve

Ha-de vir meu lugar tomar no Mundi-
do ! ...

Então debalde do Amador sem vida

Ignéos bejos darás nos labios frios ! ...

Chamas por elle ... e te responde ao
longe

Lúgubre sino, que o convida á terra ! ...

Nunca mais o verás a hum teu suspiro

(1) *Herostates.*

Suspiros mil, e mil lançar do peito ! . . .

Adeos jogos de Amor ! . . . adeos prazeres ! . . .

Ledos passeios, namorados versos ! . . .

Tudo co' elle caminha á sepultura ! . . .

Oh ! não consintas, Bella ! oh ! não consintas,

Que a tristeza meu fétetro profane ! . . .

Nada de luctos ; lagrimas não vertas ;

Não fira a nívea mão teu lindo peito ;

Tranças não rompa ; que o sepulto Amigo

Tua suadade exige , e não teu pranto.

F I M.

176
**AO SENHOR JOSE MARIA DA
COSTA E SILVA.**

EPISTOLA.

Quem póde contrastar o austero , &
duro ,

E indómito poder do Fado , e Sorte ? ...

Das urnas do Destino Imperios surgem ,

Nas urnas do Destino Imperios morrem ,

Em móto pereanal , em giro eterno

Rodão constantes dos Mortaes as obras ,

Ora se mostram no fulgor da Gloria ,

Ora entre sombras lúgubres se immetem.
gem.

A abrilhantados Seculos de luzes

Vão succedendo Seculos de trévas.

Das Artes bellas , das Sciencias todas

Tocou de grão supremo a douta Athenas :
 Eclipsou-se o clarão ; torpe Ignorancia
 Com seu barbaro pé subplanta Athenas :
 Assim Roma dubló , findou-se Roma ;
 Emmudecérão levantados Cisnes ,
 Viçosas palmas , louros se marcharão.
 Lysia das Leis Universaes não foge ;
 Protentosos reverberos de luzes
 Pêlo Universo extatico entornava ,
 E quando seus Heroes no accesso Oriente
 Rivalisavão c' os Heroes do Tibre ,
 Então nas margens do cerúleo Téjo
 Almos Hymnos de Píndaro se ouvião ;
 De Homero , e de Virgilio a argentea
 Tuba
 Mais forte Achyles , mais piedoso Eneas
 Aos scintilantes astros levantava.
 A Frauta de Theócrito mais doces
 Nas ribeiras do Liz canções seguia. (1)

(1) Alude a Francisco Rodrigues Lobo

Até de Melpomene o lustre, as magoas
 E magestosa voz na Lusa Scena
 Digno rival de Eurípides mostrava. (1)
 Mas da Impetiva o esplendor co' a luz das
 Artes

Súbito entrou no Occaso escuro, e triste:

Aos dias de ouro hum seculo de ferro
 Virão seguir-se as Musas assustadas.
 Mévio, e Bávio sómente aos alvos Cis-
 nes

Tardos, rasteiros vãos oppozirão.
 Sorte do Téjo foi sorte do Tíbre
 De Tasso ao throno levantar Marini:
 A' simples magestade, ao nectar doce.
 O frio, insulso equívoco succede;
 E tímidos, e enfáticos Lucanos
 O bipartido Monte tyrannisão.
 O ferreo jugo c' os grilhões pesados

(1) O Doutor Antonio Feteira.

O Genio hum pouco arroja , e solto es-
tende

Nô espaço já ganhado as livres azas.

Ouvio-se a voz da Arcadia : entre os Pi-
nheiros ,

Que o levantado Ménalo coroão ,

Os magestosos Cantos ressoarão ,

Com que Elpino os Heroes immortaliza , (1)

Que á Lysia dêrão gloria , ao Mundo
inveja ;

Ouvio-se em Coridon de Horacio a Ly-
ra , (2)

E as Lusitanas Musas ressurgirão.

Da Portuguesa Lingua aurea facundia

C' o sello do bom seculo derrama

(1) O Desembargador Antonio Diniz da
Cruz e Silva.

(2) Pedro Antonio Corrêa Garção ,
Restaurador da Poesia Portuguesa.

**Grão Filinto immortal roubado ao Té-
jo, (1).**

**Qual já n'outr'ora o Numen Sulmunense
Fôra entre Scythas barbaros carpir-se
De hum erro, que eclipsou braços á
Roma.**

**Rival de Geaner, que; nos calvos sér-
ros**

**Da nimbosa Suissa, a Frauta emboca;
Quita sentimental suspende o Téjo; (2)**

**Nemesiano Luso a tenue Avena
De tal arte tangeo, que a idade de ou-
ro**

**No doce Idyllo reproduz á terra,
Mas das Musas o imperio inda mais lar-
gos**

Assignalla confins: timidos Nautas

**(1) O grande Lyrico Francisco Manoel
do Nascimento.**

(2) Domingos dos Reis Quita.

Não perdião de vista humidas praias
 Póde hum Cook atrevido o imenso O-
 ceano

Não temer, e sulcar, e hir novos Clie-
 mas

Debaixo de outro Ceu tocar primeiro,
 Pelo intentado mar da Sapiencia,
 Onde he fanal Philosophia austera,
 Ousaste, oh! Silvio, desfaldar as vel-
 las,

E ao Britanno amostrar, que póde o Té-
 jo

Altos Cisnes crear, que os Cisnes sigão,
 Com que se ufana o Plágido Tamisa;
 Que Tompson tem Rivaes, que a Natu-
 reza

A hum Vate Luso o seio des-abroxa;
 Que a não muda Pintura em nós Alba-
 nos,

Em nós Wandikes tem. N'hum campo
 estranho

A Lusitana Muta as menses colhes,
 Que a soberba Albion julgava suas.
 Tu pizas nova estrada, e as Idumeas
 Palmas á Patria dás, primeiro as colhes:
 Levas ao lado teu Philosophia.

Quanto he formosa, e bella a voz das
 Musas

He seu seguro Interprete! com ella
 Pintas da Natureza almos thesouros:
 Com teu fecundo espirito passeas
 Pelo quadro gentil dos ferteis campos,
 E o moral sentimento a todos levas:
 Reproduzes os seculos, e corres
 (Vasta imaginação!) quanto de grande
 Os atrazados seculos encerrão.
 O culto, a adoração, o incenso, as a-
 ras,
 Que ás Artes déra o Déspota de Roma,
 Quando, depondo a purpura, escutava
 O Mantuano Homero, o Alceo do Ti-
 bre,

Em tanta luz aos olhos representas,
 Que dás lição sublime a Idade nossa;
 Em que aos Cisnes se encurta o vôo,
 E tristes

Agourelas, Corujas negras azas
 Aventurão bater na luz, no dia,
 E torpissimas Rãs em charco immundo
 O volume igualar ousão de hum Touro
 Qual: he vária, he fecunda a Natureza:
 Tal teu Engenho os quadros multiplica:
 Do horror de alpestre, inculta Serrania
 Passas rapidamente ao prado ameno.
 Junto a escarchado tronco a flor mimosa
 Matiza a veste do Jardim viçoso.
 Na rosa, no jasmim, que rompe, e
 morre,

Da vida, e da belleza a imagem encon-
 tras:

Tal outr'ora entre os plátanos da Estôa
 Austero Zeno á Natureza olhava,
 E nella os brados da Virtude ouyia.

Nunca foi mudo o quadro do Universo !
 A voz lhe escuta o Vate , e nella estuda
 Lições , que aos Homens dá com Versos
 de ouro.

Tu salvaste do opprobrio a Poesia
 Até-gora abatida , abjecta sempre ,
 Prostituida ao Potentado inútil ,
 Ou servindo á paixão baixa , e terrena ;
 Que degrada o mortal , e em que tão al-
 tos

No pátrio Téjo Espiritos se perdem ,
 Quando as Jonias venaes Canções em
 toão ,

E á mole Quadra , e frígido Soneto
 Celeste dom das Musas sacrificão.

Tu louvas a Virtude, e Heroes acclamas
 Quando o Estro Píndárico se appossa
 De teu engenho férvido , e subido ! ...
 Tu, qual Aguia nascente, o vôo ensajas,
 Com que inda hum dia a Scena Portue-
 gueza

Suba talvez aos refulgentes ástros.

A copia de Zaira , o Heroe do Neva (1)
São fausto agouro , do que a mente ac-
cesa

Em profetica luz já me assegura.

Mas não tem preço o fúlgido Diamante ;
Se , entre as sombras da mina , á luz se
rouba ;

Nem palido metal , que ao mundo impo-
ra ,

Quando no bojo escuro o monte o fecha.
Teus Versos pede o Mundo ; eia não tas-
des ,

Avaro de taes bens , e á luz os manda :
Lettras , Virtude ao título caminhão.
O frenez da Guerra assusta as Musas.
Não temas o furor do horrendo Marte ,

(1) *Allude ás Traducções de Zaira ,
Tragedia de Voltaire , e de Pedro o Gran-
de , Tragedia de Derat.*

Menos da Inveja as settas venenosas ;
Os golpes seus ao mérito acrisolão.
Já te acena c' o louro a Patria , o Mun-
do.

Não suspendas seu voto : Honre-se o Té-
jo.

Com cantos Philosophicos té-gora
Nunca escutados pelas aureas margens.
Tu recêas , que a Sátyra abocanhe
Acaso as Produccões , que Estudo ,

Aite

Co' a polidora lima aperfeiçoão ? ...
Nunca alteroso Cisne se acobarda
De hum lodacento Pato ao vão grato
... do ! ...

Retarda acaso a Aguia o vôo altivo
Se o Môxo piador nas selvas ouve ? ...
Ah ! despresa os Reptiz , que o corpo
informe

Só pela terra tímidos arrastrão.
Temes os Pais do frígido Elogio ,

Que o congelado Actôr repete a trofé?...
 Assassinos crueis da paciencia
 Fazem dormir em Lysia as Artes todas,
 (E para que não sei) no brando leito
 De lascados penedos, na garganta
 De huma cova tão ôcca como a fronte
 Destes Vates do Orco, e da Pobreza.
 Não são bons Versos, os que a fome en-
 gendra,
 De huma lingua famélica o veneno
 Não te retarde os vãos generosos,
 Que emporta, que dous Cães gozos, sar-
 nentos
 Insados de rabuge, e de lazeira
 Ladrem damnados á serena Lua?
 Lá vai no coche d'Ebano volvendo
 Pelo liquido espaço o incerto curso
 Sem se lhe dar dos infernaes latidos:
 Quaes Barbaros incultos, e embrenhados
 Pelos vastos Certões de Inhame, e Côco
 Se agonta no Orisonte a disco ardente

Do luminoso Sol despedem settas
 Contra o clarão, que traz, e fórma o
 dia,

Anima a Natureza, e o Mundo amestra,
 Se he licito em pequeno exemplo grande
 Contra o melhor dos Reis, e Heroes da
 Guerra (1)

Só vemos conjurar Vasco Porcalho
 O Pai na Palestina, a Mãe na Arabia
 Nega, berçoilverão, e esta criza
 Só de taes fontes dimanar podéra.

Para os máos he tormento o que he vir-
 tude.

Lisboa, tres de Julho, he Ode, he
 Ode ! . . .

São estes os Satíricos, que temes ? . . .
 Teme Bezorros dous vasto Elefante,
 Ou sanhuço Leão dous Frangos teme ? . . .

(1) El Rei D. João I. de eterna, e
 amabilissima memoria.

Solta das mãos o raio da Poesia ;
 Co' a refulgente luz dá brilho á Patria ;
 E ambos os Mévios fedorentos zurze.
 Vão no torpe silêncio , e na vergonha
 Cravar de raiva as venenosas unhas
 Nas faces , que o pudor , nem agoa virão
 Parnaso , tres de Outubro. Amigo, Ele
 miro,

De José Agostinho de Macedo

.. *O Sabio Leitor desculpa algum erro
 , que pelo decurso da Obra achar ;
 e o mesmo Leitor os poderá corrigir.*

UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 06291 6260

